



Universidade de Aveiro

2016

Departamento de Educação e Psicologia

**Cristiana Isabel Guedes dos
Anjos**

**O papel do professor na promoção da autoestima
no 1.º Ciclo do Ensino Básico**



Universidade de Aveiro

2016

Departamento de Educação e Psicologia

**Cristiana Isabel Guedes dos
Anjos**

**O papel do professor na promoção da autoestima
no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Relatório de estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal, Professora Associada do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho às crianças do 3.º ano da escola onde estagiei, que todas as manhãs me colocavam um sorriso na cara, e com os seus abraços me ensinaram que tudo vale a pena.

o júri / the jury

presidente / president

Professora Doutora Marlene da Rocha Miguéis
(professora auxiliar da Universidade de Aveiro)

vogais / examiners
committee

Professora Doutora Maria Pacheco Figueiredo (arguente principal)
(professora Adjunta do instituto politécnico de Viseu – Escola Superior de
Educação)

Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal
(orientadora)
(professora associada da Universidade de Aveiro)

Palavras-chave Autoestima, Autoconceito, Observação, *Sistema de Acompanhamento das crianças*, Bem-estar emocional, Implicação.

Resumo O projeto descrito neste relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade de Aveiro e resulta do trabalho desenvolvido em duas unidades curriculares, Prática Pedagógica Supervisionada e Seminário de Investigação Educacional.

O presente trabalho teve como principal objetivo compreender o papel do professor na promoção da autoestima das crianças, junto de uma turma do 3.º ano do 1.º ciclo do ensino básico. Assim, definiram-se como objetivos deste trabalho: (1) identificar e caracterizar algumas crianças que na turma pareciam apresentar baixa autoestima e (2) junto destas crianças, e das outras crianças da turma, levar a cabo abordagens que fossem promotoras de bem-estar e autoestima. Nesta linha de trabalho, identificaram-se três crianças que pareciam evidenciar comportamentos de alguma tensão emocional, atitudes de submissão e pouca autoconfiança. Com vista a melhor compreender estas três crianças, numa primeira fase, para além da observação dos seus comportamentos no dia-a-dia, procurou-se obter mais informações através de um inquérito por questionário e através de diversas conversas informais no sentido de melhor conhecer as crianças. Numa segunda fase, atendendo às informações obtidas e conhecimento construído em torno das crianças, procurou-se levar a cabo um conjunto de iniciativas pedagógicas promotoras de bem-estar emocional e autoestima positiva.

Uma vez que atuar na autoestima das crianças é um processo complexo e que exige continuidade, não podemos afirmar que com o nosso trabalho a autoestima das crianças tenha verdadeiramente aumentado.

Contudo, acreditamos que ajudou a potenciar o sentimento de valor pessoal e, conseqüentemente, a melhorar a sua autoestima e o sentimento de bem-estar. Foi importante a preocupação em criarmos uma maior proximidade e cumplicidade com as crianças e a atenção à valorização dos seus feitos. Num clima de segurança, as crianças foram-se sentindo mais à vontade para participar e interagir em grande grupo. Por sua vez, as diversas atividades que foram realizadas tendo em conta as opiniões, interesses e ideias das crianças permitiram desenvolver o seu sentido de pertença, valorização e autonomia, além de potenciar níveis mais elevados de implicação e bem-estar emocional.

Keywords Self-esteem, Self-concept, Observation, *Sistema de Acompanhamento das crianças (Children's Monitoring System)*, Emotional well-being, Involvement.

Abstract The project described in this report is the result of the combined work of two courses, the Supervised Teaching Practice and Educational Research Seminar.

The main goal of this project was to understand the teacher's role in promoting the children's self-esteem, in a group of 3rd year of primary education. Therefore, we defined as objectives of this study (1) to identify and characterize the children in the class who seemed to have low self-esteem, and (2) with these children, and also other children in the class, to develop strategies and attitudes that would promote well-being and a higher self-esteem. In this line of work, we identified three children who appeared to be demonstrating some emotional stress, attitudes of submission and a lack of confidence in themselves. In order to better understand these three children, in a first phase, apart from observing their day by day behaviour, we tried to get more information through a survey and through casual and friendly conversations, in order to know the children better.

In a second phase, following the information and knowledge built around the children, we tried to carry out a series of educational initiatives promoting emotional well-being and positive self-esteem.

Since developing children's self-esteem is a complex and demanding process, we cannot be certain that our work actually increased or made any impact on the children's self-esteem.

However, we believe that it helped to enhance their sense of personal value, thus, improving their self-esteem and well-being. The concern to create greater proximity and complicity with the children and also the constant appreciation of their achievements, were highly important. In a safe environment, the children started participating and feeling more and more interactive in larger groups. In turn, the implementation of various activities taking their views, interests and ideas into account, allowed the children to develop their sense of belonging, appreciation and autonomy, and foster higher levels of involvement and emotional well-being.

Índice

Introdução	1
Parte I - Enquadramento teórico.....	3
1. Autoestima e desenvolvimento pessoal e social da criança	4
2. O papel do professor na promoção da autoestima.....	9
3.A autoestima nos normativos que enquadram a ação do educador/professor	11
Parte II - Trabalho empírico	13
4.Caracterização do contexto de estágio, objetivos e opções metodológicas.....	14
5.Apresentação e análise dos dados obtidos.....	17
5.1 Análise e reflexão individualizada sobre a criança A	17
5.2 Análise e reflexão individualizada sobre a criança L.....	21
5.3 Análise e reflexão individualizada sobre a criança M.....	26
6.Iniciativas pedagógicas junto das crianças estudadas e da turma em geral.....	30
6.1 Intervenção I.....	31
6.2 Intervenção II	32
Conclusões e considerações finais	34
Referências bibliográficas	36
Anexos	40
Inquérito às crianças.....	41
Conversas informais com as crianças.....	55
Ficha individual SAC (sistema de acompanhamento das crianças)	58
História “Onde mora a felicidade?” de Álvaro Magalhães	83
Apresentação sobre a felicidade	86
Texto de opinião sobre a felicidade.....	94
Texto “Os medos” de José Fanha.....	97
Apresentação sobre os medos	98
Tópicos sobre qualidades pessoais.....	102

Introdução

No âmbito das Unidades Curriculares Seminário de Investigação Educacional e Prática Pedagógica Supervisionada, do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, desenvolvemos um estudo sobre o papel do professor na promoção da autoestima das crianças, num contexto de 1.º CEB.

Escolheu-se este tema porque as ações e as palavras que um educador/professor dirige a uma criança não são inócuas. Elas têm efeito na forma como a criança se vê a si própria e aos outros, afetando a forma como se relaciona com o mundo, como se pensa e se sente. Ao longo da socialização das crianças são ditas frases que as podem afetar quer positiva quer negativamente. No próprio contexto de estágio realizado em educação pré-escolar foram várias as frases que nos fizeram pensar no seu efeito nas crianças, algumas com um cunho rotulativo negativo, bem claro, que poderão, quando ouvidas de forma frequente e continuada, ter efeitos na autoestima das crianças. Alguns exemplos: “só queres chamar a atenção”, “és muito reservado”, “hoje estás preguiçoso”, “já me estou a passar contigo”, “então mas o teu desenho tem alguma lógica”, “deixa-te de manhas”, “tu não queres é arrumar”, “para a próxima intervém com algo útil”. São comentários negativos que, junto de algumas crianças mais inseguras, as podem fazer sentir-se retraídas e com sentido de valor baixo. Por isso, percebendo a importância do professor na vida das crianças, tornou-se interessante perceber o seu papel na promoção da autoestima.

Para esse efeito, neste trabalho tivemos como objetivos: (1) identificar e caracterizar algumas crianças que na turma pareciam apresentar baixa autoestima, (2) junto destas crianças, e das outras crianças da turma, levar a cabo abordagens que fossem promotoras de bem-estar e autoestima.

Sendo este o projeto desenvolvido, seguidamente, apresenta-se o enquadramento teórico sobre a temática em estudo. Este encontra-se organizado da seguinte forma: num primeiro capítulo pretende-se clarificar o conceito de autoestima e sua importância no bem-estar da criança, analisando-se o processo de desenvolvimento da autoestima, à luz de alguns autores da psicologia do desenvolvimento. Posteriormente, explora-se o papel do professor na promoção da autoestima das crianças e procura-se perceber de que forma o trabalho em

torno da autoestima é considerado nos normativos que enquadram a ação do educador/professor, atendendo a documentos como Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, metas de aprendizagem, Perfis Específicos de Desempenho do educador/professor, Organização Curricular e Programas de 1.º CEB.

Na parte empírica deste relatório de estágio, caracteriza-se o contexto de estágio onde foi possível levar a cabo o projeto, apresentam-se os objetivos e opções metodológicas do estudo, os dados recolhidos e as intervenções pedagógicas adotadas, atendendo aos objetivos definidos. O relatório finaliza com as conclusões e considerações finais.

Parte I
Enquadramento teórico

I regard self-esteem as the single most powerful force in existence... the way we feel about ourselves affects virtually every aspect of our existence (...)

Branden (1969) citado por White (2009, p. 1)

1. Autoestima e desenvolvimento pessoal e social da criança

A formação pessoal e social é um campo educativo importante, merecendo toda a atenção e consideração por parte do educador/professor porque a criança é um ser social, sendo nas relações que estabelece que se vai conhecendo e dando a conhecer. Ao longo deste processo a criança vai construindo os seus próprios conceitos e opiniões relativamente ao que observa e experimenta. A socialização, mesmo acontecendo ao longo de toda a vida, assume particular intensidade durante a infância, onde a criança aprende e interioriza a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos comportamentais do grupo a que pertence.

O desenvolvimento pessoal e social da criança deve assentar na sua valorização enquanto pessoa/cidadã, sendo que esta tem o direito de ser escutada e acarinhada, o que contribui para a sua autoestima positiva e bem-estar emocional. As relações que a criança constrói ao longo da sua vida, primeiro em casa (família e amigos), depois na escola (educadores, professores e outras figuras de referência) irão interferir na forma como a criança observa o que a rodeia, o que inclui observar-se e perceber-se a si própria. Uma vez que é através da interação da criança com a sociedade (costumes, crenças, tradições, valores) e com os agentes de socialização, que desenvolve as suas relações e experiências pessoais, a interpretação que faz dessas experiências irá influenciar a forma como se vê.

Ao investigar o conceito de autoestima percebe-se que é difícil dissociá-lo da noção de autoconceito. Isto porque, apesar de conceitos diferentes, estão relacionados. Campbell e Lavalley (1993 citados por Peixoto, 2003, p. 12) definem o autoconceito como “o conjunto de crenças que os indivíduos possuem acerca de si próprios, assumindo um carácter fundamentalmente cognitivo, enquanto a auto-estima se assume como uma componente predominantemente afectiva da representação que a pessoa constrói sobre si”. Assim, enquanto o autoconceito se constitui como a avaliação que o sujeito faz acerca de si, das suas

capacidades, das suas atitudes e valores, a autoestima remete para o valor afetivo que o sujeito atribui a essas capacidades ou características, relacionando-se com o bem-estar emocional da pessoa.

Segundo Osborne (1996 citado por Peixoto 2003, p. 12), a autoestima é “um sentimento positivo ou negativo, relativamente permanente, sobre si próprio, que pode tornar-se mais ou menos positivo ou negativo à medida que os indivíduos se confrontam e interpretam os sucessos e os falhanços das suas vidas quotidianas”.

Isto porque a autoestima forma-se com as experiências vividas pelos indivíduos desde que nascem, e a interpretação que fazem dessas experiências irá refletir-se nos seus comportamentos o que inclui a visão que o sujeito faz de si, dos outros e do mundo que o rodeia (White, 2009).

Ao longo do desenvolvimento da criança, a autoestima, elevada ou reduzida, pode evoluir de diferentes formas. A autoestima elevada caracteriza, frequentemente, a criança que se sente bem consigo mesma, sente que é capaz, aceita e enfrenta os desafios. Ou seja, a criança “siente competente, seguro, y valioso. Entiende que es importante aprender, y no se siente disminuido cuando necesita de ayuda. Será responsable, se comunicará con fluidez, y se relacionará con los demás de una forma adecuada” (Escobar, 2009, pp. 19-20). A criança com uma autoestima elevada não se sente “ameaçada” quando precisa de ajuda. Assim, citando Lawrence (1998, p.7), “the child with high self-esteem is likely to be confident in social situations (...) he/she will have retained a natural curiosity for learning and will be eager and enthusiastic when presented with a new challenge”. É importante realçar que a autoestima elevada “não se reduz a um simples conhecimento das suas forças, qualidades e talentos. Pressupõe também uma justa percepção das suas dificuldades e limites” (Duclos, 2006, citado por Botelho, 2013, p.59).

Ao contrário, uma criança com reduzida autoestima, porque terá uma opinião negativa sobre si, “no confiará en sus propias posibilidades ni en las de los demás. Se sentirá inferior frente a otras personas y, por lo tanto, se comportará de una forma más tímida, más crítica y con escasa creatividad, lo que en algunos casos le podrá llevar a desarrollar conductas agresivas, y a alejarse de sus compañeros y familiares” (Escobar, 2009, p. 19). Consequentemente, segundo Lawrence (1998, p.7), “he/she may try to avoid situations which he/she sees as potentially personally humiliating”.

Em *Avaliação em Educação Pré-escolar – Sistema de Acompanhamento das crianças*, Portugal e Laevers (2010) descrevem uma criança com uma boa autoestima do seguinte modo:

A criança com autoestima positiva sente-se confortável e atua espontaneamente numa variedade de situações. Tem uma atitude de abertura em relação ao ambiente envolvente (...) retira prazer das atividades e da companhia dos outros. Conhece bem as suas emoções e necessidades e lida com elas de uma forma construtiva. Adapta-se bem a novas situações e é capaz de lidar com experiências difíceis, sendo os sentimentos negativos expressos de forma adequada” (p.44).

Como já referido, a autoestima desenvolve-se desde as primeiras interações que a criança protagoniza ao longo do seu desenvolvimento. “Em bebé, a criança aprende gradualmente que possui uma existência separada das pessoas – pais e objetos. Aos 18 meses, ocorre o primeiro reconhecimento de si, por exemplo, quando se olha para o espelho e começam assim as tentativas de auto-descrição e autoavaliação. Ao mexer, correr, examinar, escolher, decidir (...) desenvolve a capacidade de se afirmar e de dizer, por exemplo: eu sou capaz” (Duclos, 2006, citado por Botelho, 2013, p.60).

Quando começa a desenvolver a linguagem, começa a ver-se como um ser independente dos pais, começa a utilizar expressões como “eu”, “meu” e, num primeiro momento, a ver-se como centro do mundo. Por volta dos 7 anos, a autoestima da criança “passa pela capacidade dos pais em reconhecê-la como indivíduo diferente, que também tem uma palavra a dizer. A sua forma de exercer disciplina, de escutá-la e de encorajá-la, contribui para lhe fornecer uma imagem de si um pouco mais completa” (Sévigny & Laporte, 2006, citados por Botelho, 2013, p. 60).

A teoria de aprendizagem social de Bandura que remete ao ano de 1963 assume que o “desenvolvimento da identidade, em grande parte, é o resultado da observação e da imitação de modelos e do reforço pelo comportamento adequado” (Papalia, Olds, Feldman, 2001, p.359). Ou seja, a experiência de interação e de observação dos outros, nomeadamente de outros afetivamente significativos, pode conduzir à assunção de determinados comportamentos, no contexto de um processo de socialização alargado em que o indivíduo vai desempenhando papéis distintos.

Por exemplo, quando a criança começa a aprender a escrever ou falar, fá-lo por observação direta dos comportamentos dos seus modelos de referência, pais, professores, entre outras figuras. Para este tipo de aprendizagem é fundamental o reforço. Para Bandura

divide-se em direto ou vicariante, o primeiro caracteriza-se pela atribuição de elogios diretos quando a criança tem sucesso num objetivo, o segundo caracteriza-se por observar alguém a receber uma recompensa por ter alcançado um objetivo e imitá-lo.

Neste sentido, a observação das consequências dos outros comportamentos motiva a crianças a agir e a procurar receber atenções positivas em relação às suas atitudes. Com base nesta teoria percebe-se quanto é importante a atitude dos educadores/professores, dado assumirem um papel de modelo/referência para as crianças.

Por sua vez, segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson, o desenvolvimento humano ocorre ao longo de oito estágios, que decorrem desde o nascimento à morte, sendo que em cada um o sujeito passa por uma “crise psicossocial”, cuja resolução pode decorrer de forma mais ou menos positiva, afetando a forma como o sujeito de vê a si próprio e aos outros.

Atendendo ao âmbito deste estudo, apenas abordarei os estágios que decorrem até ao final do primeiro ciclo do ensino básico, ou seja os 11 anos, baseando-me na obra *Psicologia Educacional* de Sprinthall e Sprinthall (2000).

I. Confiança básica versus Desconfiança básica (até um ano de idade)

Durante o primeiro ano de vida a criança depende das pessoas que cuidam dela, requerendo cuidados quanto à alimentação, higiene, movimentação, bem como estimulação para explorar e perceber o mundo ao seu redor.

O amadurecimento ocorrerá de forma equilibrada tendo em consideração a “qualidade do modo como o bebé é tratado, o cuidado e o afeto que acompanham o acto de comer, abraçar, dar banho e vestir a criança” (Sprinthall e Spinthall 2000, p.141). Se a experiência da criança for positiva, a criança desenvolverá um sentimento positivo em relação a si própria, uma boa autoestima, independência e autonomia, maior resiliência perante a adversidade, confiança, empatia, atenção, cuidado, entre outros.

Se, por outro lado, a experiência for negativa, o bebé desenvolve um sentimento de desconfiança, e sentirá que nunca conseguirá agradar plenamente aos adultos que dela cuidam. A criança sentindo *desconfiança básica* vai olhar para si como incompetente, e poderá vir a ser uma criança menos interessada e menos persistente. Existem alguns fatores considerados de risco que podem potenciar esta desconfiança como: deficiência, pobreza, violência familiar, depressão materna, autoritarismo, rejeição, entre outros.

II. Autonomia versus Vergonha e Dúvida (segundo e terceiro ano)

Neste período, “a criança emerge de uma dependência quase total em relação à pessoa responsável pela sua educação” (Sprinthall e Sprinthall 2000, p.143). Neste período a criança desenvolve o controlo do movimento do seu corpo (esfíncteres, correr, saltar, comer), o que lhe dá *autonomia*, ou seja, uma certa confiança e liberdade para tentar novas explorações sem medo de errar. Se, no entanto, a criança enquanto adquire a sua autonomia e explora for criticada ou ridicularizada desenvolverá *vergonha e dúvida* quanto à sua capacidade de ser autónoma, capaz e amada, desenvolvendo um sentimento negativo em relação a si própria.

III. Iniciativa versus Culpa (quarto e quinto ano)

Durante este período, “a identidade da criança como rapaz e como rapariga é afetada de forma extrema” (Sprinthall, e Sprinthall 2000, p.148). A criança passa a perceber as diferenças sexuais, os papéis sociais de mulheres e de homens, entendendo as diferentes formas de encarar o mundo social. Se a sua curiosidade e ímpeto para a descoberta for reprimida poderá desenvolver sentimentos de *culpa* e diminuir a sua *iniciativa* em explorar novas situações.

Se a identificação por parte da criança for positiva, esta ganhará sentido de responsabilidade e uma atitude ativa na sua relação com o mundo.

IV. Mestria versus Inferioridade (dos 6 aos 11 anos)

Neste período, que corresponde à entrada para a escola, a criança inicia o seu processo de alfabetização alargando o seu campo de interação com pessoas que não são familiares. Isso exigirá maior socialização, trabalho em equipa e cooperação, ou seja a criança passa a fazer parte de novos grupos. Neste estágio, “é imenso o número de novas actividades e jogos que as crianças desta idade aprendem: nadar, montar a cavalo, fazer vela, esquiar, patinar, acampar, fazer remo (...)” (Sprinthall e Spinthall 2000, p.150). Estas atividades e interações demonstram a “motivação para a competência” (Sprinthall e Sprinthall 2000, p.150) que é exigida e que, conseqüentemente, desenvolve a mestria pessoal. Caso tenha dificuldades, se a criança conhecer frequentemente o insucesso e a conseqüente desvalorização social, passará a viver o sentido de inferioridade.

Com base nesta perspetiva, considera-se que o ser humano, enquanto ser social, necessita de protagonizar e experienciar relações positivas ao longo da sua vida e, principalmente, do seu crescimento, para que se possa estimular uma autoestima positiva.

Caso contrário, a socialização negativa, gera na criança sentimento de fraco valor pessoal, incapacidade para explorar e desafiar-se. Nesse sentido, “a nossa tarefa, enquanto educadores, é responder à sua tendência natural de molde a facilitar e não prejudicar um desenvolvimento pessoal saudável” (Sprinthall e Sprinthall 2000, p.151).

2. O papel do professor na promoção da autoestima

Depois da família, a escola será o agente de socialização da criança mais influente. A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento da autoestima da criança, sendo na escola que os professores podem detetar o que motiva ou preocupa a criança.

A escola representa um espaço dinamizador onde a criança se deve sentir integrada, acolhida e bem-vinda, onde lhe são reconhecidas capacidades para pensar, refletir, discutir, ter opiniões, participar e decidir. Neste processo, o trabalho do professor/figura de referência em sala de aula, o seu relacionamento com as crianças, as suas características de personalidade contribuem para o desenvolvimento da autoestima das crianças. Ou seja, citando Lawrence (1998), “the need to maintain children’s self-esteem is self-evident and most teachers are well aware of the importance of the value attached to helping children feel good about themselves”, de acordo com isso “teachers can enhance self-esteem in three ways: through a systematic programme of group activities (...) through individual counselling (...) through providing a positive ethos in classroom” (pp.11-14).

De acordo com este pressuposto, torna-se fundamental que o professor conheça o seu aluno, as suas características, experiências e gostos. Isto porque, muitas vezes, o trabalho desenvolvido poderá não apresentar grande sentido e interesse para a criança, se o professor a considerar uma simples tábua rasa, desvalorizando os seus interesses, opiniões, conhecimentos prévios e vivências (Bezerril, 2014).

Segundo Plummer (2012) e DeBord (2000) citados por Botelho (2013) o docente deve: “mostrar-se disponível; responder às questões colocadas pelas crianças; passar tempo de qualidade; partilhar histórias; realizar elogios; fazer pedidos positivos (definindo comportamento adequado); escutar; descrever ações (não rotular); ter expectativas realistas; dar tempo; expor o seu afeto; aceitar; encorajar amizades; reparar em pequenas vitórias; reconhecer sentimentos; brincar; respeitar; celebrar objetivos alcançados; modelar comportamentos adequados; conceder responsabilidades adequadas; recompensar; criar empatia; partilhar a resolução de problemas e definir fronteiras adequadas” (p.69).

O docente deve preocupar-se, em primeiro lugar, em conhecer os seus alunos, de forma a adequar a sua prática pedagógica às necessidades e características de cada um. É importante a ação do professor no acompanhamento de cada criança, na forma como as ajuda a expressar as suas emoções e ideias. Algumas das atitudes que o professor deve ter para promover a autoestima positiva incluem acreditar no potencial da criança, respeitar e valorizar a criança, manter uma relação calorosa e afetuosa, evitar julgamentos, não comparar com outras crianças, escutar e responder adequadamente à criança, dar apoio e atenção positiva, elogiar e dar feedback. Ao fazer isto, o professor facilita o desenvolvimento de uma relação em que o aluno confia no professor, sente-se mais seguro e confiante em si próprio e, como tal, estará mais disponível para partilhar, conversar, expor problemas e dificuldades.

Por sua vez, Escobar (2009) defende que o professor deve: “devolver uma imagem positiva e ajustada do aluno; motivar para investigar e procurar conhecer o que o rodeia com criatividade e interesse; reconhecer as realizações do aluno, relativizando os erros; dar oportunidade para que a criança resolva os seus conflitos autonomamente; criticar os atos e não a pessoa, por exemplo, dizer: “não podes bater nos colegas”, em vez de “és muito agressivo”; assegurar carinho e afeto; não utilizar castigos; facilitar uma saída dos conflitos de uma forma pacífica, mas que respeite as normas; permitir a expressão dos sentimentos e emoções das crianças; reconhecer as habilidades dos alunos, para fortalecê-los e ajudá-los a reconhecer o que têm de especial e único; tratar com respeito as perguntas feitas; proporcionar-lhe um clima de segurança psicológica em que possa pensar, sentir, criar livremente; inspirar-lhe confiança na sua capacidade criativa; observar o talento da criança em qualquer campo e agir em consequência; animá-lo nas suas tendências; recompensar todo o trabalho criativo” (p.19).

Como refere Lawrence (2006):

It is clear from all the research that teachers are in a powerful position to influence children's self-esteem and in turn influence their achievements and behavior. Perhaps most teachers are already aware of this, and probably already enhance children's self-esteem intuitively. However, a knowledge of the research, together with familiarity with self-concept theory would provide teachers with a proper rationale so that they are in a position to know how to go about enhancing self-esteem systematically (p. 16).

A concluir, percebe-se que as crianças que têm suporte sentem-se mais disponíveis, confiantes e capazes, do que as crianças com menos suporte, e portanto aquelas sentirão mais confiança, motivação, liberdade, vontade de aprender e se desenvolver, aspetos que permitem a promoção e manutenção de uma autoestima positiva. Caberá ao professor desenvolver uma relação pedagógica que acalente este processo.

3. A autoestima nos normativos que enquadram a ação do educador/professor

Na *Lei de Bases do Sistema Educativo* (1986) é referido que o sistema educativo deve contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis e autónomos. Para o 1.º CEB propõe que se deve assegurar uma formação que “garanta a descoberta e desenvolvimento de todos os interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social” (LBSE, 1986, art.7.º).

As *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) assume que o educador deve ser capaz de: “promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências da vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania; estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas; proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança nomeadamente no âmbito de saúde individual e coletiva” (pp.15-16).

Em 2012, as *metas de Aprendizagem* para a educação pré-escolar consagram, na área de expressões artísticas, que no final da educação pré-escolar, a criança deve ser capaz de: identificar as suas características individuais, manifestando um sentimento positivo de identidade e tendo consciência de algumas das suas capacidades e dificuldades; expressar as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada.

No decreto-lei *perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico* (DL 241/2001, pp. 5570-5571) consagra que uma das funções do professor é apoiar e fomentar o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança e do grupo; promover a qualidade dos contextos de inserção do

processo educativo, de modo a garantir o bem-estar dos alunos e o desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural.

Na *Organização curricular e programas Ensino Básico*, de 2004, pretende-se “criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social”(p.13).

A leitura destes documentos permite perceber que a preocupação com a autoestima está implícita nestes textos, sendo mais claramente referida quando se aponta a importância do desenvolvimento de um sentimento positivo de identidade, de capacidade de comunicar dificuldades e de expressar emoções. Tal compreensão legitima claramente, o objetivo e âmbito do nosso estudo.

Parte II
Trabalho empírico

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

(Duarte, 2002, p.140)

4. Caracterização do contexto de estágio, objetivos e opções metodológicas

O contexto de estágio onde foi desenvolvido o nosso projeto em torno da autoestima situa-se num centro escolar numa zona da região de Aveiro. O estudo foi realizado com uma turma do 3.º ano de escolaridade, com 18 crianças. A escola incluía o nível de ensino em educação pré-escolar, que possui três salas e o ensino básico, com quatro salas.

O centro é uma instituição recente, inaugurada em 2010, pelo que as instalações e o equipamento tecnológico espelham a modernidade. Ou seja, a escola está equipada com materiais diversos em bom estado de conservação, quadros interativos nas salas de 1.º CEB, espaços amplos e luminosos. A organização do espaço exterior denota preocupação em ser um espaço agradável para as crianças, e onde se possibilite o desenvolvimento físico, motor, cognitivo, social, pois dispõe de superfícies de areia, solo, cimento, diversos materiais lúdicos de transposição, de agarrar, correr, jogar, entre outros. A comunidade envolvente, como referido no projeto educativo do agrupamento, caracteriza-se por ser uma comunidade pequena, pertencente maioritariamente à classe média e baixa, com trabalhos no setor secundário e terciário, existindo também um grande número de desempregados ou dependentes de trabalhos sazonais. Significa que são várias as situações de necessidade de apoios sociais.

A escola tem como objetivo ser um espaço de formação para a cidadania e para uma sólida formação científica, assim como um espaço de inclusão em termos organizacionais e pedagógicos. O projeto educativo do agrupamento destaca alguns valores que considera cruciais para a formação global dos alunos, sendo eles: o respeito, a responsabilidade, a solidariedade, a cooperação, o trabalho, o rigor, a exigência, a qualidade, a liberdade, a tolerância e a inclusão. Além disso, o agrupamento propõe um atendimento adequado em

termos afetivos, físicos, cognitivos e emocionais. Consideramos que estes valores vão ao encontro do nosso projeto, em prol do desenvolvimento da autoestima.

Neste contexto há a preocupação de aproximação do contexto familiar e contexto educativo, verificando-se, para além das conversas informais entre professora e crianças, o agendamento de reuniões de pais sempre que necessário.

Na turma em que estagiámos existem algumas situações familiares que se afastam da visão tradicional de família nuclear. Para além de algumas situações de pais divorciados, uma criança vive com os avós e duas crianças são estrangeiras e vivem normalmente só com a mãe (num dos casos o pai está muitas vezes ausente porque é camionista).

Desde as primeiras semanas de estágio, observando e interagindo com as crianças, percebeu-se que a turma funciona como um grupo cooperante, em que as crianças pedem ajuda e apoiam-se mutuamente. É notória essa interajuda, principalmente, com os colegas estrangeiros que têm várias dificuldades em falar e escrever português. Esta atitude de integração e respeito demonstra que existe uma atitude de inclusão e de bem-estar. O facto de a docente ajudar e estimular essa interação, permitindo que as crianças conversem e se deem a conhecer, contribui, também, para a formação de uma autoestima positiva. As crianças sentem-se à vontade no espaço, estão relaxadas e interessadas, exploram e interagem.

Contudo, existem algumas situações em que se verificam dificuldades de algumas crianças em superarem problemas autonomamente, ou seja, sem recorrerem às professoras. Quando lhes é proposto realizarem tarefas de forma mais livre, tendem a dizer ou perguntar: *não sei. Como faço? E agora?*

Perante esta situação, desde logo se levantou a questão: até que ponto esta situação não significará que as crianças tendem a ter dificuldades em confiar em si, em sentir-se capazes e em persistirem? Além disso, embora isso não aconteça com a maioria das crianças, algumas demonstram receio, preocupação em falar e interagir com outros colegas e adultos, sobretudo em situações de participação em grande grupo. Nestes casos, algumas crianças admitem ter *medo de errar e falhar*, o que demonstrará que as crianças têm um sentimento negativo sobre as suas capacidades.

Neste contexto, como já referido, foram objetivos do projeto: (1) identificar e caracterizar algumas crianças que na turma pareciam apresentar baixa autoestima e (2) junto

destas crianças, e das outras crianças da turma, levar a cabo abordagens que fossem promotoras de bem-estar e autoestima.

Nesta linha de trabalho, identificaram-se três crianças que pareciam evidenciar comportamentos de alguma tensão emocional, atitudes de submissão ou de receio, pouca autoconfiança, entre outros indicadores.

Com vista a melhor compreender estas três crianças, para além da observação dos seus comportamentos no dia-a-dia, procurou-se obter mais informações através de um inquérito por questionário (anexo I) que visava explorar a noção que detinham sobre si próprias.

Para além das ideias que foram possíveis retirar dos inquéritos, foi importante a realização de diversas conversas informais no sentido de melhor conhecer as crianças. A partir dessas conversas foi possível perceber o que as crianças gostam e não gostam, o que as motiva e estimula (anexo II). Estas conversas facilitaram a criação de uma relação de proximidade e cumplicidade com as crianças e deram ideias para pensar em abordagens interessantes a realizar nas aulas.

Todos estes dados foram introduzidos em fichas de caracterização individual, inspiradas nas fichas de análise individualizada (anexo III) propostas no *Sistema de Acompanhamento das Crianças*, de Portugal e Laevers (2010). Observaram-se os seus comportamentos em diversas situações, identificaram-se os seus níveis de bem-estar emocional e implicação nas atividades escolares, analisaram-se as suas produções escolares, caracterizou-se o desenvolvimento das crianças ao nível da sua autoestima, auto-organização/iniciativa e competência social e definiram-se objetivos de ação e iniciativas a tomar em relação às crianças.

Numa segunda fase, procurou-se levar a cabo as iniciativas identificadas nas fichas individuais e, junto da turma em geral, exploraram-se algumas abordagens pedagógicas promotoras de bem-estar emocional e autoestima positiva. Estas análises individualizadas, iniciativas pedagógicas e respetivas reflexões são apresentadas no capítulo seguinte.

A terminar a explicitação do projeto desenvolvido, parece pertinente referir que este estudo iniciou-se pela pesquisa teórica em torno do conceito de autoestima e de fundamentação sobre abordagens promotoras de autoestima em contexto escolar. Realizou-se, assim, uma pesquisa exploratória, em que o “fenômeno de levantamento de informações

(...) poderá levar o pesquisador a conhecer mais (...)” (Gerhardt & Silveira, 2009, p. 67). Como são vários os meios que hoje estão disponíveis para a procura de informação, utilizaram-se neste projeto: fontes escritas, obras impressas em editoras; documentos académicos, como relatórios de mestrado ou teses de doutoramento; artigos científicos e ainda informações extraídas de endereços eletrónicos considerados fidedignos.

Este relatório de estágio, sendo o resultado de um estudo de caso, baseou-se no conhecimento adquirido no cotidiano, reunindo um conjunto de ideias e opiniões retiradas da experiência vivida. Como referem Pardal e Lopes (2011), “os estudos de caso correspondem, em síntese, a um modelo flexível no recurso a técnicas, permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização” (p.33). Uma vez que este tipo de metodologia permite recorrer a diversas estratégias para concretizar os objetivos, optou-se pela observação participante junto do grupo, adotando-se uma atitude ativa caracterizada pela proximidade, intervenção, confiança e partilha.

Podemos, ainda, dizer que o nosso estudo assume algumas características de investigação-ação considerando que parte dos interesses e necessidades das crianças para atuar de forma consequente. Na linha de pensamento de Cardoso (2014), a investigação-ação “tem em vista a própria mudança educativa, ajudando os professores a lidar com os desafios e problemas, que a prática lhes coloca, e a levar a efeito inovações, de uma forma refletida” (p.30).

5. Apresentação e análise dos dados obtidos

As três crianças que nos chamaram a atenção por parecerem evidenciar comportamentos e atitudes de baixa autoestima são identificadas neste relatório por A, L e M. Apresenta-se, de seguida, para cada uma delas, a sua caracterização individual.

5.1 Análise e reflexão individualizada sobre a criança A

A A é filha única e vive apenas com a mãe. A mãe da criança é de nacionalidade romena e fala pouco português, tendo um trabalho não qualificado na produção animal. A mãe da A tem o 12.º ano e como os seus rendimentos são reduzidos beneficia de apoio social. O pai vive na Roménia e encontra-se internado numa instituição de saúde mental. Os pais

estão divorciados e a criança fala com o pai apenas por telefone e já não o vê há alguns anos. A A mora a poucos metros da escola e costuma ir e vir da escola para casa a pé e sozinha.

Segundo a professora, “a A veio para a turma no 2.º ano, integrou-se bem. É uma criança tímida. Já adotei atitudes como elogios e responsabilidades para potenciar a sua participação”.

Bem-estar emocional	Implicação
A criança ocasionalmente evidencia sinais de desconforto. Embora existam momentos com sinais positivos de bem-estar estes são poucos intensos.	A criança envolve-se em várias tarefas, mas raramente ou nunca se verifica “intensidade”. Falta verdadeira concentração, motivação e prazer.

Impressão geral acerca da criança

A A tende a ser hesitante e tímida em novas situações, em particular as situações que percebe como potencialmente perturbadoras. Distancia-se e assume uma postura curvada dificultando a interação e recorrendo ao silêncio.

A A não costuma pedir ajuda, apesar de a sua expressão facial demonstrar em algumas situações confusão.

A A tem um grupo restrito de amigas com quem costuma brincar. No grupo não se verifica a existência de um “líder”, mas a criança tende a seguir e imitar aquilo que as colegas dizem ou fazem. Assim, no intervalo brinca com colegas mas mantém-se atrás do grupo, não demonstrando iniciativa para propor ideias, opiniões ou partilhar as suas aventuras, histórias ou sentimentos com esses colegas.

Na relação com a professora e com as estagiárias tende a retrair-se sempre que é incentivada a participar e interagir.

Em sala de aula, a A costuma estar atenta mas na maioria das atividades demonstra estar distante ou a “sonhar acordada”. No entanto, quando lhe é pedida a realização de uma determinada tarefa, a criança cumpre, ainda que demonstre receio e medo de ser mal sucedida. Quando questionada admite que tem “medo de errar e fazer mal”.

A A implica-se bem nas atividades de pequeno grupo, assume gostar deste tipo de trabalho porque aprende com os colegas e entre os colegas sente-se mais à vontade para os questionar quando não sabe algo. Contudo demonstra necessitar de alguma direção em trabalhos de natureza mais individual. Nesta situação, tende a perguntar “o que tenho que fazer?”, “e agora?”. Em contrapartida, a criança não se implica bem nas atividades em grande grupo e, principalmente, nas que envolvem a sua participação perante a turma.

Através da conversa informal com a A, ficámos a saber do que ela mais gosta e não gosta na escola: “Gosto de Estudo do Meio, Matemática e Português; Gosto de trabalhar e brincar; Gosto de trabalhos em grupo; Gosto de jogar apanhada; Gosto das minhas amigas”. Em relação ao que gosta menos refere: “Gosto menos do campo de futebol; Gosto menos da horta; Não gosto de falar porque tenho medo de errar as coisas”.

Apreciação da criança ao nível da sua autoestima, auto organização/iniciativa e competência social

Autoestima

A A suscita dúvidas quanto ao sentimento de valor pessoal, isto porque apesar de experimentar novas situações quando o tem de fazer, correndo riscos mínimos, fá-lo de forma receosa, contida e introvertida, que se manifesta no facto de não dar ideias, de não se expressar em grupo e de não agir espontaneamente.

Contudo, a A é uma criança que manifesta orgulho em si quando tem atividades corretas, mas ao mesmo tempo fá-lo de forma contida sem manifestar o seu entusiasmo.

Auto-organização / iniciativa,

A A quando se foca num objetivo cumpre-o. Apesar de em várias tarefas demonstrar falta de motivação e interesse, quando as inicia finaliza-as e não desiste.

Em várias situações faz escolhas influenciada pelas colegas. A A é capaz de realizar atividades de rotina autonomamente e sabe o que deve realizar em cada atividade. Contudo, não toma iniciativas, nem demonstra capacidade de liderança.

Competência social

A A não é uma criança muito sociável não demonstrando ter interesse em conhecer ou brincar com outras crianças, para além das suas amigas. Tende a afastar-se e isolar-se. Nos trabalhos de grupo percebe-se que a criança fica confortável se um dos elementos do grupo é uma das meninas com quem costuma brincar.

A criança não parece gostar de falar sobre si, sobre as suas atividades e interesses. Aliás, às segundas-feiras existe um momento para que cada criança partilhe o que fez no fim-de-semana ou qualquer outra coisa que entenda. A A, invariavelmente, apenas diz “fui para casa dos meus tios”, e quando questionada para partilhar mais costuma dizer “brincar com os meus primos”, não partilhando mais pormenores.

Apesar disso, a criança demonstra atitudes de respeito e aceitação para com as outras crianças e adultos. Note-se que com a chegada de um novo colega de nacionalidade romena à turma e escola, quem o ajudou na sua integração e na introdução à língua portuguesa foi a A.

A criança demonstra valorizar os amigos que tem e gosta deles e sente que gostam de si. A A diz gostar de si, embora não saiba explicar o que mais gosta. Mas, admite que mudaria a sua timidez para se sentir mais à vontade nas relações sociais e conseguir dar as suas opiniões e ideias.

Definição de objetivos de ação e iniciativas tomadas

Objetivos de ação	Iniciativas tomadas
<ul style="list-style-type: none"> • Que a <u>A</u> se sinta integrada, gostada e valorizada; • Apoiar as suas relações sociais com outras crianças; • Desenvolver a sua autoconfiança e autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criaram-se momentos de conversas informais sobre o dia, procurando saber o que a preocupava, o que gostava de fazer e como, etc; • Elogiaram-se as suas realizações; • Colocou-se a <u>A</u> a realizar trabalhos de grupo com crianças com quem se dava melhor e com outras crianças para estimular as suas interações; • Permitiu-se que a <u>A</u> fizesse escolhas e tomasse decisões sobre temas a tratar;

	atividades a realizar; instrumentos a utilizar, etc.
--	--

5.2 Análise e reflexão individualizada sobre a criança L

O L vive com os pais e com o irmão de 16 anos. A mãe tem o 12.º ano de escolaridade e trabalha como operadora de máquinas de fabrico de calçado e artigos de couro. O pai tem o 9.º ano de escolaridade e trabalha como soldador e maçariqueiro.

A situação económica da família do L é de baixos rendimentos, a criança beneficiando de apoio social. O L vive perto da escola e costuma ir com o avô para a mesma, visto os pais saírem muito cedo para o trabalho. A criança demonstra ter uma boa ligação à família, falando, de vez em quando, sobre os pais, o irmão e os avós. Em casa a criança passa muito tempo a jogar videojogos.

Segundo a professora, o L “no pré-escolar nunca falou, quando entrou para a minha sala no 1.º ano de escolaridade não sabia se ele conseguia falar, portanto falei com os pais e aí o L já me começou a dar respostas, vagas e com reduzido volume. No pré-escolar e na transmissão para o 1.º ciclo sempre brincou com o R, uma criança com síndrome de Asperger. Quando esse colega foi embora começou a brincar com o E, com quem brinca até hoje. Em casa é uma criança que se isola, porque joga muitas horas, computador e playstation, por vezes os pais saem e ele nunca quer ir. Fica com o irmão de 16 anos a jogar. O L andou na terapia da fala no ano passado e melhorou um pouco a sua interação. A forma como promovo a sua autoestima passa por atribuir responsabilidades, dar vários elogios às suas boas realizações”.

Bem-estar emocional	Implicação
Evidencia frequentemente sinais de desconforto emocional, parecendo que a sua confiança e autoestima são baixas.	A criança não se implica verdadeiramente na maioria das tarefas. Parece estar mentalmente ausente, a sua concentração é limitada e superficial, a criança olha em volta durante as atividades e distrai-se facilmente.

Impressão geral acerca da criança

O L é uma criança simpática, mas muito reservada. Caracteriza-se por evidenciar frequentemente atitudes submissas, receosas e tímidas. A criança tende a afastar-se quando alguma situação é nova, demonstrando sinais frequentes de desprazer e desconforto, além de uma reduzida confiança e autoestima. O L tende a reagir de forma tímida e hesitante em novas situações, distanciando-se e assumindo uma postura “apagada”.

A criança raramente fala sobre si, sobre os seus interesses, opiniões e ideias. Não gosta de falar e participar em momentos de grande grupo, o que o coloca, por vezes, à margem da restante turma. Além disso, a criança não se implica verdadeiramente em muitas atividades. Costuma estar desatento nas situações de aprendizagem, assumindo uma postura distraída e distante. Costuma demonstrar desinteresse, “sonha acordado”, olhando em redor sem se concentrar verdadeiramente em nada. Quando é proposto algo ao L ele realiza-o, ainda que a um ritmo lento. Apesar destas características, pelas boas respostas aos testes, perguntas e exercícios percebe-se que entende os conceitos. O L não culpa os outros pelas suas falhas, admitindo os seus erros.

É uma criança solitária que interage de forma significativa apenas com uma criança da turma/escola, o F. Quando o F está de castigo, o L passa o intervalo encostado à parede à espera dele, não procurando outras interações sociais. O L é muito influenciado pelo seu amigo F, e quando o F adota atitudes perturbadoras o L não se distancia, mesmo tendo noção de que certas ações poderão não ser as mais adequadas.

Junto da turma, o L mantém-se atrás, no sentido em que não fala, não participa e segue o que os outros dizem, mantendo-se afastado de quaisquer situações que envolvam ser o centro das atenções ou estar em grande grupo.

Na relação com os adultos da escola, professora e estagiárias, tende a afastar-se, retraindo-se sempre que é proposta a sua participação e interação. Quando questionado, costuma responder de forma evasiva.

Curiosamente, a criança implica-se bem nas atividades de pequeno grupo, em particular se no grupo estiver também o seu amigo F. O L não se implica verdadeiramente nas atividades obrigatórias, dirigidas pelo adulto, necessitando de algum incentivo e direção na realização das atividades. O L implica-se mais em atividades que mobilizem a sua

criatividade. Em contrapartida, a criança não se implica bem nas atividades em grande grupo, que envolvem a sua participação, principalmente, perante toda a turma.

Das conversa com o L ficámos a saber que gosta sobretudo de: “Estudo do meio, Matemática e Português; Gosto das aulas; Gosto de trabalho em pares; Gosto de ver vídeos da escola virtual; Gosto de atividades e vídeos; Gosto de brincar com o E; Gosto de jogar jogos de terror porque tenho de fugir do F”. E que não gosta de: “Não gosto de falar em lado nenhum; Não gosto de barulho”. Considera que é bom a brincar e que gostava de falar mais e ter mais amigos.

Apreciação da criança ao nível da sua autoestima, atitude de auto organização/iniciativa e competência social

Autoestima

O L evidencia alguma tensão e foge da maior parte das interações sociais. A criança tende a isolar-se (assisti a várias situações em que algumas crianças tentaram aproximar-se dele e ele refugia-se/afasta-se). Revela alguma insegurança perante novas situações. Por vezes, quando questionado sobre os seus gostos, o L revela o que gosta e não gosta, mas a sua habitual postura é ombros encolhidos, debruçado sobre a mesa, olhar cabisbaixo e sem se expressar oralmente. Quando o observamos e percebemos que está a gostar de uma atividade (sorri ou os olhos brilham), se se apercebe de que está a ser observado, muda radicalmente a sua atitude, assumindo a postura descrita.

O L não parece ter autoconfiança suficiente para experimentar e testar novas situações ou enfrentar desafios. Mas, frequentemente, segue o E, que o estimula a agir, a arriscar e a testar limites, mesmo que em situações negativas (perturbadoras). O mesmo não acontece quando situações semelhantes envolvem ou são protagonizadas por outras crianças.

Quando é proposta a sua intervenção, o L mantém-se calado, parecendo não saber como resolver uma atividade. Contudo, quando a professora se aproxima para o orientar percebe-se que o L sabe. O seu receio em falar alto e perante a restante turma parece bloqueá-lo.

O L não evidencia prazer em nenhuma atividade que envolva a linguagem como papel central. Isto porque, como ele próprio diz, não gosta de falar em “lado nenhum”. Nos

momentos em que é proposta a sua intervenção, o L não fala ou tende a falar muito baixo, com pouco conteúdo e de forma rápida. As suas frases são curtas e a construção é simples. O L descreve pouco o que pretende dizer, e por isso utiliza poucos adjetivos, pronomes e advérbios. Nota-se que a criança se sente desconfortável nesses momentos.

Quando se encontra nos intervalos, o L inicia conversas com o E, propõe jogos e sabe negociar com o colega.

O L não parece ter uma ideia realista sobre si. Descreve-se como não gostando do seu penteado e gostando de comer, beber e provar comida. Não assinala propriamente qualidades em si próprio e dificilmente descreve aquilo em que é bom, mau e em que pode melhorar.

Auto-organização / iniciativa

O L no dia-a-dia apenas evidencia motivação ou interesse nas tarefas que envolvam trabalhos em pequeno grupo ou a pares, envolvendo o amigo E. Ainda que seja capaz de tomar pequenas decisões, na maioria das situações, se estiver acompanhado pelo E prefere segui-lo e deixar a “responsabilidade” da decisão no colega.

O L, frequentemente, necessita de orientação para iniciar uma atividade. Sabe o que é esperado de si e das suas atividades e, como tal, depois de ter alguma orientação é capaz de executar o proposto e atingir os objetivos. O importante para o L parece ser o “terminar”, não prestando verdadeira atenção à forma “como faz”.

Embora não costume participar oralmente, por escrito, a criança demonstra ser bastante criativa, original e empreendedora, seja na construção de histórias ou na transmissão de opiniões.

Competência social

O L não evidencia interesse pelas relações sociais, sendo que só tem um amigo, e não demonstra ter interesse em conhecer ou brincar com outras crianças. Tende a afastar-se e isolar-se. Neste sentido, não é frequente que o L conte histórias ou partilhe os seus sentimentos; quando o faz costuma ser, na maioria das situações, superficial na sua participação. Embora o L não revele muito interesse pela interação social, gosta de ouvir histórias sobre o passado e o futuro e aprecia aprender coisas sobre outras culturas.

Nas suas histórias escritas, o L descreve diversos sentimentos e entende o seu significado, contudo não costuma falar sobre eles com outras pessoas, tende a reservar-se e parece ser uma criança desconfiada em relação aos outros (crianças e adultos).

O L reconhece os sentimentos expressos pelos outros (quando alguém se sente feliz, triste, zangado, contente, entre outros sentimentos), bem como em histórias ou filmes. Identifica ações como “ajudar”, “escutar”, “cuidar”, contudo quando essas ações o obrigam a interagir com crianças ou adultos em quem não confia ou não tem proximidade, o L prefere não intervir. Como demonstra ser tímido e inseguro, isola-se muito, não sendo comum ver o L a ajudar um colega que precise ou envolver-se com outras crianças. Apesar disso, o L respeita os outros, os seus interesses, opiniões, a sua vez e as suas ideias.

O L demonstra uma grande confusão relativamente ao que os outros pensam de si e ao que ele próprio pensa, isto porque afirma não saber se fica envergonhado a falar com outras crianças, se diz mentiras, se procura ter amigos, se gosta de conhecer novos amigos, se as outras crianças gostam de si. Quando questionado se gosta de si próprio afirma “sim, porque nasci numa família boa”, e quando questionado sobre o que mudaria em si afirma “as notas e falar sem medo”.

Em síntese, o L parece apresentar uma baixa autoestima, sendo uma criança tímida e receosa, que tende a reagir com desconfiança perante situações desconhecidas. É uma criança com dificuldade em tomar a iniciativa, evidenciando alguma dependência. Não gosta de falar e de partilhar as suas experiências. Transparece desconforto e desinteresse por muitas das atividades da escola, embora se perceba ser uma criança criativa. Tem um grande amigo, o F.

Definição de objetivos de ação e iniciativas tomadas

Objetivos da ação	Iniciativas tomadas
<ul style="list-style-type: none">• Que o <u>L</u> se sinta mais integrado e valorizado;• Apoiar as suas relações sociais e participação com outros colegas da turma;	<ul style="list-style-type: none">• Criaram-se momentos de partilha mais individualizados para conversas sobre o dia, o que o preocupa, novidades, o que gostaria de fazer, como, etc.;

<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a sua autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Colocou-se o <u>L</u> a realizar trabalhos de grupo com diversas crianças e com o <u>E</u> para que este se sinta bem no grupo, mas se sinta estimulado a interagir com outras crianças. • Permitiu-se que o <u>L</u> fizesse escolhas e tomasse decisões, como escolher: temas a tratar; tipo de atividades a realizar; com que instrumentos, entre outros.
--	---

5.3 Análise e reflexão individualizada sobre a criança M

A M vive com os pais e com uma irmã mais nova. A mãe tem o 12.º ano de escolaridade e trabalha como desenhadora. O pai tem o 9.º ano de escolaridade e trabalha como assistente médico não qualificado. A M costuma estudar com a avó, antiga educadora de infância.

Segundo a professora, “a M tem os pais divorciados e costuma estar sempre na avó materna, que também foi docente e ajuda-a nos trabalhos e nos estudos. A M sempre foi tímida. É uma criança com tendência para as artes e para as danças. A M já viveu algumas situações complicadas. Houve diversas estratégias que adotei no sentido de desinibir a criança, entre elas os elogios, a tentativa para que falasse mais alto, mas isso funciona um bocadinho e depois volta à postura apagada. A M já foi chefe dos colegas e assumiu essa responsabilidade”.

Bem-estar emocional	Implicação
Em geral os momentos de bem-estar e satisfação superam os de desconforto e a criança parece estar bem consigo própria e com os outros.	A criança está usualmente envolvida nas atividades, mas raramente ou nunca se evidencia intensidade na sua execução. Apesar de demonstrar alguns sinais de prazer na realização das tarefas, demonstra falta de concentração.

Impressão geral sobre M

A M é uma criança carinhosa e simpática, mas demonstra receio em partilhar os seus interesses e opiniões. A criança tende a ficar no seu canto, isola-se e não se envolve em diversas situações. A M fala quase em sussurro e tende a fugir de situações em que poderá não ser bem-sucedida. Evita realizar tarefas propostas pela docente que envolvam estar em pé ou falar perante a turma. Não costuma pedir ajuda, mas quando as professoras a ajudam individualmente consegue explicar quais são as suas dificuldades. Em diversas situações na sala de aula, costuma estar desatenta e distante, olhando em redor sem se concentrar verdadeiramente, realizando as tarefas a um ritmo lento.

Apesar da atitude e postura que adota em sala de aula, no intervalo é mais sociável e solta, brinca com as outras crianças e parece demonstrar genuína felicidade.

Em pequeno grupo, a criança implica-se bem nas atividades, participando, falando, dando ideias, mostrando-se à vontade. Já em atividades dirigidas pelo adulto, bem como nas que exigem a sua participação oral, a sua implicação é menor.

A partir das conversas tidas com a criança, salientamos algumas das coisas que diz gostar e não gostar: “Gosto do parque de areia; Gosto das aulas porque aprendemos coisas e vamos ao quadro; Gosto de trabalho em grupo; Não gosto de falar alto porque posso dizer algo que vai estar mal; Não gosto de ter errados”.

Apreciação da criança ao nível da sua autoestima, atitude de auto organização/iniciativa e competência social

Autoestima

A M é uma criança que em sala de aula adota atitudes submissas, receosas e tímidas, o que parece revelar uma reduzida autoestima. A criança tende a afastar-se quando alguma situação é nova. Apesar disso, nas mais variadas situações age espontaneamente, e mantém-se calma e equilibrada perante mudanças, incertezas e situações que fogem ao seu controlo.

A M caracteriza a sua autoimagem dizendo que gosta dos seus olhos, do seu cabelo, da sua boca e do seu sorriso. Estas afirmações fazem crer que a M tem noção da sua

autoimagem e é capaz de enunciar o que gosta e não gosta em si. Além disso, sabe em que tarefa é melhor e em quais deve melhorar.

Auto-organização / iniciativa

A M quando se focaliza num objetivo cumpre-o. Não necessita propriamente de orientação para iniciar uma atividade e pede ajuda quando sente necessidade. Demonstra alguma flexibilidade nas suas ideias, porque se surge um impedimento contorna-o e avança fluidamente para outra tarefa. A M demonstra capacidade de reflexão ao avaliar o seu trabalho, sendo capaz de explicar o percurso que realizou.

Sobretudo no recreio, a M é mais proactiva no que toca às brincadeiras a realizar, ao local, ao que fazer. Na sala de aula não costuma tomar a iniciativa tendendo a seguir as iniciativas dos colegas. Apesar disso, demonstra entusiasmo perante o sucesso comum.

Competência social

A M nos recreios observados brinca com entusiasmo com as colegas, interagindo adequadamente com as outras crianças. Partilha o que sente, escuta as suas histórias e questiona-as para saber mais sobre elas.

Reconhece diferentes sentimentos nos outros (compreende quando alguém está triste, contente, zangado, com medo, com orgulho) e inclui-os nas histórias e desenhos que cria. A M se vê uma colega triste é capaz de a interpelar e expressar afeto, se vê uma colega a rir acompanha-a, se vê alguém zangado, tenta ajudar, demonstra gratidão, entre outro tipo de ações.

Definição de objetivos de ação e iniciativas tomadas

A M é uma criança que inicialmente aparentava ter uma autoestima reduzida, pela postura que tinha em sala de aula: o olhar distante; o “sonhar acordada”; a falta de verdadeira motivação; a falta de concentração, bem como o seu receio em falar, participar, dar ideias e interagir em grande grupo. Contudo, as atitudes que levam a acreditar na sua reduzida autoestima são esfumadas quando se vê a criança ao ar livre a brincar com os colegas e quando se fala com a criança e se percebe que tem uma autoimagem positiva. Na realidade, a M admite que não mudaria nada em si, está satisfeita com as suas relações sociais, apreciando os seus amigos, gostando de ajudar, de brincar e ter companhia.

Esta situação leva a acreditar que o seu problema são as aulas que não parecem despertar verdadeiro interesse na criança, a sua inibição em falar em público e receio de errar. Aspetos que, no fundo, são comuns em muitas crianças, não deixando de nos interpelar em relação à forma como a escola se adequa às características das crianças.

Objetivos da ação	Iniciativas tomadas
<ul style="list-style-type: none"> • Que a <u>M</u> se sinta mais à vontade para participar nas aulas. • Estimular o interesse de <u>M</u> nas aulas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criaram-se momentos de partilha pessoais: conversas sobre o dia, o que a preocupa, o que gostaria de fazer e como; • Elogiaram-se as suas realizações; • Colocou-se a criança a realizar trabalhos de grupo com diversas crianças; • Solicitou-se a participação da criança, perante a turma em geral, em tarefas simples como ler um texto ou um enunciado e ir fazendo evoluir a sua participação para temas mais livres que envolvam a genuína opinião da criança, como pedir opiniões, ideias, etc. • Permitiu-se que a <u>M</u> fizesse escolhas e tomasse decisões sobre o que fazer, escolha temas; escolha textos; escolha materiais a utilizar, etc.

6. Iniciativas pedagógicas junto das crianças estudadas e da turma em geral

Junto das crianças descritas e da restante turma, fez sentido explorar e identificar formas de trabalhar com as crianças que aparentavam ter dificuldades de integração, muito tímidas e frequentemente isoladas do resto do grupo, receosas, pouco autónomas e muito submissas perante a vontade dos outros. Atendendo a estas características, globalmente, os nossos objetivos visaram aumentar a sua confiança, autonomia e integração, procurando-se criar condições para que as crianças se sentissem mais à vontade, conhecendo o sentimento de ser-se capaz e ser-se gostado.

Para este efeito, procurou-se a aproximação junto das crianças, conversando com elas sobre assuntos do seu interesse. Desenvolveu-se uma relação de amizade/cumplicidade e, gradualmente, as crianças foram ficando mais à vontade e evidenciando mais segurança.

Ao nível das iniciativas, destaca-se a aposta em trabalhos de grupo (com atenção à forma como os grupos se constituíam) potenciando a interação, amizade e cooperação e atribuição de responsabilidades. Para diversificar o tipo de aulas, foram realizadas atividades com recursos a apresentações *powerpoint*, vídeos da escola virtual e cartazes. Porque as crianças manifestavam muitas vezes interesse em saírem da sala, sempre que possível, procurou-se realizar atividades no exterior para desenvolver vários conteúdos programáticos.

No decurso das diversas atividades, procurou-se sempre elogiar as boas realizações e comportamentos mais assertivos e autónomos das crianças, estimulando-se o sentimento positivo sobre si.

O desenvolvimento da participação das crianças foi um processo gradual. Numa primeira fase, as crianças mais inibidas eram convidadas a ler textos simples (tarefa que sabíamos de antemão que seria feita com sucesso), posteriormente a contar o seu fim-de-semana, de seguida a dar respostas a perguntas e, só mais tarde, quando se percebia que a criança se sentia suficientemente confiante, se pedia a sua opinião sobre um tema em discussão. Não se pretendia “obrigar” as crianças nem fazê-las sentirem-se expostas e coagidas, mas que desenvolvessem naturalmente a vontade de colaborar e participar, sendo que se notou que o conjunto de todas as ações as foi desinibindo.

Passa-se a descrever algumas das iniciativas que se concretizaram junto de toda a turma, beneficiando não só as crianças assinaladas, mas também todas as outras.

6.1 Intervenção I

Título: *Experiências felizes*

Duração: 180 minutos.

Objetivos:

- Potenciar a reflexão sobre experiências pessoais de felicidade;
- Promover a participação, partilha de ideias e opiniões.

A intervenção iniciou-se com a leitura do texto “Onde mora a felicidade?” de Álvaro de Magalhães (anexo IV). Nesta história o Sr. Pascoal decide ir à procura da felicidade. Para a encontrar percorre o mundo e apesar de se sentir bem em alguns locais, sente que isso não é a verdadeira felicidade. Até que um dia encontra um casebre abandonado e decide restaurá-lo. Quando o faz sente-se bem consigo próprio. Mas, ao olhar em redor, apercebe-se de que se encontra na casa que havia abandonado. Esta história permite às crianças questionar-se sobre as coisas que as fazem felizes e que por vezes são invisíveis aos nossos olhos.

Na interpretação do texto, foi trabalhado o sentimento de bem-estar e as crianças foram convidadas a pensar sobre o que as faz sentirem-se felizes.

Para além da exploração do texto, realizou-se uma apresentação (anexo V), em que surgiam imagens que apresentavam ideias sobre o que é a felicidade, por exemplo “a felicidade é andar de bicicleta”, a “felicidade é fazer amigos novos”, entre outras. Nesta aula, as crianças demonstraram elevados níveis de implicação e bem-estar, mostrando-se entusiasmadas e muito participativas, contando as suas próprias experiências de felicidade.

Posteriormente, as crianças escreveram textos sobre o tema (em anexo VI os textos das três crianças estudadas). Nestas composições é possível ler que a A se sente bem a brincar com os primos e a andar de patins. O L referiu que se sentia feliz ao pregar sustos à mãe, seja com o pacote de bolachas, seja com a ajuda dos animais de estimação. A M afirma que para si a felicidade é um amigo novo e gostar de alguém. O que é interessante reparar nas diversas composições é que todas as crianças associam a felicidade às relações com familiares ou amigos. Esta sessão correu como planeado, pois pretendia que as crianças

refletissem sobre as suas relações, sentimentos e experiências. Na sessão, pudemos associar a ideia de felicidade às situações em que nos sentimos à vontade, em segurança, gostados e acarinhados, enfim, às situações em que nos sentimos bem com os outros e connosco próprios. Explorámos, ainda, a ideia de que quando gostamos de nós próprios (autoestima positiva), sentimo-nos mais felizes e capazes de lidar com as dificuldades.

6.2 Intervenção II

Título: *Medo? Todos temos!*

Duração: 90 minutos.

Objetivos:

- Potenciar a reflexão sobre experiências pessoais de medo;
- Promover a participação e partilha de ideias e opiniões;
- Potenciar a reflexão e consciencialização sobre qualidades pessoais;
- Promover a autoestima positiva.

Ao longo do estágio, sentiu-se necessidade de fazer uma sessão sobre os medos das crianças, procurando-se que estas reconhecessem que todos temos medos e que isso não deve afetar a forma como gostamos de nós.

A sessão iniciou-se com a leitura do texto “Os medos” de Regina Gouveia (anexo VII). Neste texto, uma criança questiona-se sobre os seus medos. Primeiro, refere que gostaria de saber se os heróis sentem medo, posteriormente, afirma ter vários medos, enumera alguns e termina explicando o que o medo lhe faz sentir e como faz para que esse receio se vá embora.

De forma a trabalhar a compreensão textual, fez-se uma apresentação *power point* (anexo VIII), em que se solicitou a participação das crianças. Explorou-se as reações que se podem ter perante o medo e introduziu-se a noção de que algumas crianças perante o medo e receio deixam de gostar de si, sentem-se incapazes, evitam fazer novas coisas e experimentar desafios, evitam falar à frente dos outros e têm uma ideia negativa sobre si. Ao refletirem sobre isto, muitas crianças diziam que as crianças referidas na apresentação não

precisavam nem deviam sentir-se desse modo, considerando que todos têm medos e estes não devem afetar a ideia que cada um tem sobre si.

Como forma de se nos aproximar das crianças e como incentivo para que as crianças partilhassem os seus medos à vontade, também falámos dos nossos próprios medos. As crianças escutaram com atenção os medos da professora estagiária e deram as suas opiniões sobre o que poderia fazer para superar esses medos, sublinhando que a professora não devia deixar de gostar de si por sentir esses receios.

Ainda, no contexto da mesma apresentação, contou-se uma história fictícia sobre um menino que não queria ir para a escola porque tinha medo de não conseguir ter boas notas, de errar e falhar, de os colegas não gostarem dele. Muitas crianças reviram-se nesta história e houve mesmo uma criança que se emocionou e chorou. Explicaram que já haviam sentido o mesmo e passado por situações idênticas à do menino, diziam que ainda se sentiam tristes com essas situações e que na altura preferiam afastar-se e não ter amigos.

As crianças contribuíram com ideias sobre formas de o menino da história ultrapassar o seu problema, nomeadamente, procurando identificar “coisas boas” da criança e dizendo que não é por se ter medo que se deve desistir.

Nesta sessão, as crianças estavam todas muito implicadas e todas quiseram falar sobre o que as perturbava ou assustava. Foi muito bom verificar que as crianças A, L e M intervieram espontaneamente. Aliás, foram das primeiras crianças a partilhar os seus receios, a A explicou que tem medo de dizer mal as coisas e tirar más notas, a M explicava que tinha medo de falar alto, porque podia dizer coisas erradas, já o L dizia não ter medo de nada.

De forma a trabalhar sobre o que as crianças pensam sobre si próprias foi-lhes proposto que escrevessem sobre as coisas em que são bons (os textos das 3 crianças estudadas encontram-se no anexo IX). A A foi a criança que atribuiu menos qualidades a si própria. Apenas referiu que é boa a fazer ginástica e a pregar sustos. Por sua vez, o L assume que é bom a brincar, realizar experiências, correr, comer, dar mimos ao cão, jogar jogos, etc., ligando tudo isso com o seu bem-estar. Por sua vez a M assume que, essencialmente, é boa a desenhar, cantar, dançar e brincar.

Nestas frases conseguimos perceber que todas as crianças conseguem reconhecer que existem aspetos e situações em que são bons, ou seja assumem que têm qualidades, que era o objetivo principal da intervenção.

No final, as crianças partilharam com as outras as suas qualidades e estas iam sendo registadas num diapositivo da apresentação. O objetivo da escrita das qualidades no diapositivo foi a visualização e valorização de cada criança em frente à turma. Isto porque as crianças liam o que escreviam mas, de seguida, os colegas iam opinando e introduzindo novas qualidades, tendo sido enunciado para a A: “boa amiga; companheira; carinhosa; falar outra língua o romeno; brinca muito bem,” etc. Para o L referiu-se que: “é bom amigo; companheiro; corre muito; encontra jogos fixes; é bom a dizer nomes de jogos; é inventor; é jogador; é engraçado”. Para a M referiu-se que: “ajuda os outros; é amiga; é carinhosa; sabe fazer cócegas; é risonha; é divertida”, entre outras qualidades. Isto significa que foram enunciados um conjunto de qualidades que as próprias crianças não consideraram sobre si. Enquanto ouviam os colegas era impossível não reparar no sorriso que tinham na cara. Este exercício permitiu potenciar a autorreflexão e o conhecimento sobre si e, pensamos, aumentar a autoestima ao serem elogiados pelos colegas.

7. Conclusões e considerações finais

Uma vez que atuar na autoestima das crianças é um processo complexo e que exige continuidade, não podemos afirmar que com o nosso trabalho a autoestima das crianças tenha verdadeiramente aumentado. Contudo, acreditamos que ajudou a potenciar o sentimento de valor pessoal e, conseqüentemente, a melhorar a autoestima e o sentimento de bem-estar.

Como refere Lawrence (1998), “teachers can enhance self-esteem in three ways: through a systematic programme of group activities (...) through individual counselling (...) through providing a positive ethos in classroom” (pp.11-14). Ao longo das semanas conseguimos conhecer as crianças através de conversas e, conseqüentemente, construir momentos de partilha e bem-estar que se traduziram numa clara abertura das crianças A, L e M para a interação e aprendizagem. Ao longo do semestre, gradualmente, os níveis de bem-estar e de implicação das crianças foram melhorando, bem como a qualidade da interação entre as crianças e entre as crianças e adultos.

Neste clima de segurança, as crianças foram-se sentindo mais à vontade para participar e interagir em grande grupo. Por sua vez, as diversas atividades que foram realizadas tendo em conta as opiniões, interesses e ideias das crianças permitiram desenvolver o seu sentido de pertença, valorização e autonomia, além de potenciar níveis mais elevados de implicação e bem-estar emocional.

Neste projeto, esperava-se que as crianças compreendessem que se devem aceitar a si próprias, que são capazes e que quando existem obstáculos ou limitações podem ser superados e que o recorrer à ajuda dos outros é um comportamento muito válido. Ao longo do estágio compreendeu-se que, frequentemente, as crianças têm uma ideia negativa de si (*tenho medo de errar, não gosto de falar, gostava de ter mais amigos*), sendo importante trabalhar estas questões com elas. Apesar de neste relatório de estágio terem sido seleccionadas apenas três crianças para estudar de forma mais aprofundada, dentro do que são os constrangimentos do estágio, procurámos que as sessões fossem boas para todas as outras crianças. Aliás, as estratégias e métodos utilizados com a A, o L e a M foram utilizados com todas as crianças do grupo. Efetivamente, junto de todas elas, houve a preocupação de elogiar, estimular o trabalho de grupo, promover a sua participação e autonomia e atender às suas ideias e interesses.

Sendo a temática do nosso relatório de estágio *o papel do professor na promoção da autoestima no 1.º CEB*, percebemos de forma vivida que o professor pode e deve interagir com uma turma, não esquecendo a importância de desenvolver um sentimento de valor pessoal positivo em todas as crianças. A este nível, um professor disponível, atento e amigo é indispensável para observar e escutar as crianças, dando-lhes espaço para serem elas próprias, descobrindo cada vez mais e melhor cada criança do grupo.

Como se refere no enquadramento teórico deste relatório, a autoestima forma-se através das experiências vividas pelos indivíduos desde que nascem, e a interpretação que fazem dessas experiências irá refletir-se nos seus comportamentos o que inclui a visão que o sujeito faz de si, dos outros e do mundo que o rodeia (White, 2009). Por isso, promover a autoestima positiva permite ao professor refletir sobre a sua ação, porque se as sessões atenderem aos interesses e necessidades das crianças irão verificar-se níveis mais elevados de implicação e bem-estar, sinal de que o professor está a realizar um trabalho de qualidade.

Neste pressuposto, recorrendo às palavras de Day, Elliot, Somekh e Winter (2002, citados por Cardoso, 2014, p.11), os professores devem “realizar aquela que é a responsabilidade de todos os profissionais – a de interrogar a natureza, os objectivos, os processos e os resultados da sua prática, com vista a melhorá-la”, para tal é fundamental refletir sobre a sua ação.

A terminar, penso poder concluir que a autoestima positiva concretiza-se como um dos pilares essenciais para o pleno desenvolvimento da criança e da manutenção do seu

equilíbrio emocional. Isto porque a autoestima relaciona-se com o bem-estar, a motivação, a curiosidade e o desejo de aprender.

Ao estudar a autoestima aprendi conceitos, estratégias e métodos que seguramente irei utilizar enquanto futura profissional da educação. Ao longo do semestre as diferentes pesquisas realizadas, as estratégias implementadas e os métodos descobertos permitiram-me apropriar vários conhecimentos e, principalmente, pude participar numa experiência enriquecedora. Segundo Quiles e Espada (2007):

Um dos pilares da auto-estima é a sensação de competência... que se relaciona directamente com as aspirações pessoais, a sensação de êxito e do domínio das circunstâncias que nos rodeiam (...) Para fomentar a auto-estima pode recorrer-se a pequenas experiências pessoais (...) que permitam (...) reforçar a sua sensação de competência pessoal (...) é necessário fortalecer as competências e capacidades pessoais para (...) fomentar a auto-estima” (p.64).

Na escola é fundamental oferecer uma educação em que as crianças se possam sentir amadas, competentes, confiantes e seguras. Como já referido, segundo Lawrence (2006), “it is clear from all the research that teachers are in a powerful position to influence children’s self-esteem (...)” (p. 16). Para a criança, o reconhecimento das suas realizações permite desenvolver o autoconceito, a autoestima, a sensação de que é capaz e sente confiança suficiente para arriscar em novas situações e insistir nas que não têm sucesso.

Sendo assim, depois de diversas pesquisas realizadas, é possível concluir que o papel do professor na promoção da autoestima das crianças é essencial. O professor deve promover a autoestima positiva através: da promoção da resolução de problemas de forma autónoma; dar elogio e apreciar a criança e as suas realizações; apresentar alternativas aos problemas enunciados pela criança; promover momentos de partilha e participação; ser empático, sorridente, disponível; demonstrar segurança; potenciar tempo de qualidade para a criança pedir ajuda, contar novidades e interagir; promover a cooperação e interajuda entre os colegas; atribuir responsabilidades para promover a sua autonomia.

Relativamente aos objetivos propostos, foi possível identificar crianças que aparentavam possuir uma reduzida autoestima e foi possível concretizar diversas estratégias que trabalhadas junto destas crianças, e de todas as outras da turma, potenciaram a promoção do bem-estar emocional e autoestima positiva.

Referências bibliográficas

Bezerril, S. (2014). *Professor-Aluno: Percepções e reflexões de uma professora em formação acerca do processo ensino-aprendizagem*. (Relatório de estágio para Graduação em História. Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira).

Disponível em:

<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3393/1/PDF%20-%20San%C3%BAbia%20da%20Silva%20Bezerril.pdf>

Botelho, D. (2013). *Práticas educativas do futuro educador/professor e promoção da autoestima dos alunos*. (Dissertação de mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Universidade dos Açores, Ponta Delgada).

Disponível em:

<https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/2339/1/DissertMestradoDanielaCristinaBettencourtBotelho2013.pdf>

Cardoso, A. (2014). *Inovar com a investigação-ação – Desafios para a formação de professores*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Decreto Lei n:46/86 de 14 de outubro. *Diário da República – Lei de bases do sistema educativo*. I Série nº 237.

Decreto Lei n: 240/2001 de 30 Agosto. *Diário da República. Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico*.

Duarte, R. (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de pesquisa*, n: 115, p 139-154. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115>

Escobar, V. (2009). La autoestima en los niños/as. *Transversalidad Educativa. Polegar Medios- Guia infantil*. 22, 19-20.

Gerhardt, T. & Silveira, D. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Lawrence, D. (1998). *Enhancing Self-esteem in the Classroom*. (2ª ed). Londres: Paul Chapman Publishing.

Lawrence, D. (2006). *Enhancing Self-esteem in the Classroom*. (3ª ed). Los Angeles: SAGE Publications.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*.

Disponível em:

<http://ebparedes.damiaodegoes.pt/pdf/metasprescolar.pdf>

Ministério da Educação (2012). *Metas de aprendizagem – Educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2004). *Organização curricular e programas Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Papaila, D. Olds, S. Feldman, R. (2007). *O mundo da criança*. Lisboa: Mc Graw Hill.

Pardal, L. & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Peixoto, F. (2003). *Auto-Estima, Autoconceito e Dinâmicas- Relacionais em Contexto Escolar. Estudo das relações entre auto-estima, autoconceito, rendimento académico e dinâmicas relacionais com a família e com os pares em alunos do 7º, 9º e 11º anos de escolaridade*. (Tese de doutoramento em Psicologia Educacional, Universidade do Minho, Braga).

Disponível em: repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/48/4/TES%20PEIX1.pdf

Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar - Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Quiles, M. e Espada, J. (2007) *Educar para a Auto-estima - propostas para a escola e para o tempo livre*. (2ª ed). Mem Martins: K editora.

Sprinthall, N. e Sprinthall, R. (2000). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill

White, M. (2009). *Magic Circles – self-esteem for everyone in circle time*. Londres: SAGE publications.

Anexos

Anexo I

Inquérito às crianças

Nome:

Data:

Pergunta:	Sim ☺	Não ☹	Não sei
Pensas que os teus pais gostam de ouvir as tuas ideias?			
Costumas sentir-te sozinho na escola?			
Gostas de jogos de equipa?			
Pensas que as outras crianças gostam de ser tuas amigas?			
Gostas de escrever histórias?			
És bom a matemática?			
Gostavas de mudar algumas coisas em ti?			
Quando tens que dizer algo à frente de outra criança ficas envergonhado?			
Pensas que estudar é difícil?			
Costuma procurar ter amigos?			
Dizes mentiras?			
Gostas de procurar e conhecer novos amigos?			
Tens muitos amigos?			
Gostas de brincar no exterior?			
Gostas das aulas?			
Gostas que a professora te dê atenção?			

Gostas de português?			
Gostas de conversar?			
Gostas de tirar boas notas?			
Gostavas de falar sozinho com a professora para lhe contares o teu dia?			
Contas o teu dia aos teus pais?			
Gostas da escola?			

Adaptado de Lawrence, D. Enhancing self-esteem in the classroom 2ª ed. London: Paul Chapman Publishing (pp.16-18)

Responde às seguintes questões:

1) Como te tornas amigo de alguém?

2) Gostas de ter amigos? Porquê?

3) Pensas que os teus amigos gostam de ti? Porquê?

4) Gostas de ti? Porquê?

5) Mudavas algo em ti? Se sim, o quê?

6) Gostas de conversar, partilhar o teu dia e as tuas aventuras? Porquê?

Inquérito A



universidade de aveiro

Mestrado em educação pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico
Seminário de investigação educacional

2015/2016

Cristiana Isabel Guedes dos Anjos

Nome

Data: 18/11/2015

Pergunta:	Sim ☺	Não ☹	Não sei
Pensas que os teus pais gostam de ouvir as tuas ideias?	X		
Costumas sentir-te sozinho na escola?		X	
Gostas de jogos de equipa?	X		
Pensas que as outras crianças gostam de ser tuas amigas?	X		
Gostas de escrever histórias?	X		
És bom a matemática?			X
Gostavas de mudar algumas coisas em ti?	X		
Quando tens que dizer algo à frente de outra criança ficas envergonhado?			X
Pensas que estudar é difícil?		X	
Costuma procurar ter amigos?		X	
Dizes mentiras?		X	
Gostas de procurar e conhecer novos amigos?	X		

Tens muitos amigos?		X	
Gostas de brincar no exterior?	X		
Gostas das aulas?	X		
Gostas que a professora te dê atenção?	X		
Gostas de português?	X		
Gostas de conversar?	X		
Gostas de tirar boas notas?	X		
Gostavas de falar sozinho com a professora para lhe contares o teu dia?		X	X
Contas o teu dia aos teus pais?		X	X
Gostas da escola?	X		

Adaptado de Lawrence, D. Enhancing self-esteem in the classroom 2ª ed. London: Paul Chapman Publishing (pp.16-18)

Responde às seguintes questões: 16/11/2015

1) Como te tornas amigo de alguém?

Eu torno-me amiga das outras a falar com elas.

2) Gostas de ter amigos? Porquê?

Eu gosto de ter amigos para aproveitar a vida.

3) Pensas que os teus amigos gostam de ti? Porquê?

Eu penso que sim porque eu conheço-as.

4) Gostas de ti? Porquê?

Eu gosto de mim porque quero mudar-me porque mãe quer ser engravidada.

5) Mudavas algo em ti? Se sim, o quê?

Eu mudaria mão por envergadura.

6) Gostas de conversar, partilhar o teu dia e as tuas aventuras? Porquê?

Sim, porque é divertido.

Inquérito L

Mestrado em educação pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico

Mestrado em educação pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico
Seminário de investigação educacional

2015/2016

Cristiana Isabel Guedes dos Anjos

Tens muitos amigos?	X		
Gostas de brincar no exterior?	X		
Gostas das aulas?	X		
Gostas que a professora te dê atenção?	X		
Gostas de português?	X		
Gostas de conversar?	X		
Gostas de tirar boas notas?	X		
Gostavas de falar sozinho com a professora para lhe contares o teu dia?			X
Contas o teu dia aos teus pais?	X		
Gostas da escola?	X		

Adaptado de Lawrence, D. Enhancing self-esteem in the classroom 2ª ed. London: Paul Chapman Publishing (pp.16-18)

Costuma procurar ter amigos?			X
Dizes mentiras?			X
Gostas de procurar e conhecer novos amigos?			X

Responde às seguintes questões:

1) Como te tornas amigo de alguém?

ajudando-a, brincando com ele,
fazendo coisas por ele.

2) Gostas de ter amigos? Porquê?

sim, porque cada vez que tenho mais
amigos mais a brincadeira será mais divertida

3) Pensas que os teus amigos gostam de ti? Porquê?

sim, porque faço coisas lá fora.

4) Gostas de ti? Porquê?

sim, porque eu nasci numa família
boa.

5) Mudavas algo em ti? Se sim, o quê?

sim, as notas, poder fazer sem medo

6) Gostas de conversar, partilhar o teu dia e as tuas aventuras? Porquê?

sim, porque assim é mais divertido.

Inquérito M



universidade de aveiro

Mestrado em educação pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico
Seminário de investigação educacional

2015/2016

Cristiana Isabel Guedes dos Anjos

Nome: _____

Data: 16/12/2015

Pergunta:	Sim ☺	Não ☹	Não sei
Pensas que os teus pais gostam de ouvir as tuas ideias?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Costumas sentir-te sozinho na escola?	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostas de jogos de equipa?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pensas que as outras crianças gostam de ser tuas amigas?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostas de escrever histórias?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
És bom a matemática?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Gostavas de mudar algumas coisas em ti?	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quando tens que dizer algo à frente de outra criança ficas envergonhado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
Pensas que estudar é difícil?	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Costuma procurar ter amigos?	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dizes mentiras?	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostas de procurar e conhecer novos amigos?	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Mestrado em educação pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico
Seminário de investigação educacional
2015/2016
Cristiana Isabel Guedes dos Anjos

Tens muitos amigos?			
Gostas de brincar no exterior?			
Gostas das aulas?			
Gostas que a professora te dê atenção?			
Gostas de português?			
Gostas de conversar?			
Gostas de tirar boas notas?			
Gostavas de falar sozinho com a professora para lhe contares o teu dia?			
Contas o teu dia aos teus pais?			
Gostas da escola?			

Adaptado de Lawrence, D. Enhancing self-esteem in the classroom 2ª ed. London: Paul Chapman Publishing (pp.16-18)

Responde às seguintes questões:

1) Como te tornas amigo de alguém?

Eu tornome amiga de alguém a falar com
ela para ir brincar com ela

2) Gostas de ter amigos? Porquê?

Eu gosto de ter amigos porque tenho
companhia e nunca estou sozinha.

3) Pensas que os teus amigos gostam de ti? Porquê?

Sim, porque eu ajudo sempre que eles
precisam.

4) Gostas de ti? Porquê?

Eu gosto de mim porque sou bonita
tenho amigas e sou boa pessoa

5) Mudavas algo em ti? Se sim, o quê?

Não mudava nada em mim.

6) Gostas de conversar, partilhar o teu dia e as tuas aventuras? Porquê?

Eu gosto porque tinha mais companhia.

Anexo II

Conversas informais com as crianças

Conversa informal com A

No dia vinte sete de outubro foi realizada uma conversa informal com a A de forma a conhecer melhor a criança. Para o efeito, as perguntas foram surgindo naturalmente. Como tal, de seguida encontram-se algumas das resposta que a criança foi partilhando.

- a) Tenho saudades do meu pai, mas falo com ele às vezes ao telefone.*
- b) Não costumo falar muito nem alto porque não quero errar as coisas que a professora diz.*
- c) Não sei porque sou assim.*
- d) Já aprendi muitas coisas com as aulas.*
- e) A minha mãe não me ajuda nos TPC, faço sozinha porque ela percebe pouco português.*
- f) Eu sei fazer ballet, na Roménia fiz muito tempo.*
- g) Eu gosto de português.*
- h) Gostava de falar mais alto e ser menos envergonhada.*
- i) Gosto de trabalhos de grupo aprendo com os colegas.*
- j) Gosto de Estudo do meio, Matemática e Português.*
- k) Gosto de trabalhar e brincar.*
- l) Gosto de jogar apanhada.*
- m) Gosto das minhas amigas.*
- n) Gosto menos do campo de futebol.*
- o) Gosto menos da horta.*
- p) Gostava de ter aulas lá fora.*
- q) Gostava de fazer mais experiências.*

Conversa informal com L

No dia 27 de Outubro foi realizada uma conversa informal com o L de forma a conhecer melhor a criança. As perguntas foram surgindo naturalmente e algumas das resposta da criança são as que se seguem:

- a) *Olá! O meu nome é L. Nasci no dia 20 de Julho de 2007, por isso tenho 8 anos de idade. Sou natural da freguesia da Glória e a minha nacionalidade é portuguesa. Tenho um irmão mais velho de 16 anos e costumo jogar playstation, é o que mais gosto de fazer.*
- b) *Os meus amigos online é que são os seus amigos, as vezes eu oiço-os porque eles têm microfone e então oiço-os falar enquanto jogam.*
- c) *Eu jogo GTA onde tenho de matar policiais para me salvar e salvar as outras pessoas também.*
- d) *Não costumo falar porque não gosto, não porque mas não gosto nada nem de falar em lado nenhum.*
- e) *Não gosto de barulho, como nos intervalos.*
- f) *O F é o meu amigo dos jogos.*
- g) *Jogamos jogos de terror e eu gosto porque tenho de fugir dele.*
- h) *Não gosto do meu penteado.*
- i) *Gosto de comer, beber e provar comida.*
- j) *Não sei o que aprendi.*
- k) *Lá fora sou bom a brincar.*
- l) *Gostava de falar mais e ter mais amigos.*
- m) *Gosto de Estudo do meio, Matemática e Português.*
- n) *Gosto das aulas.*
- o) *Gosto de trabalho em pares.*
- p) *Gosto de ver vídeos da escola virtual.*
- q) *Gosto de atividades e vídeos.*
- r) *Gosto de brincar com o F.*
- s) *Gostava de ter aulas lá fora.*
- t) *Gostava de fazer mais experiências.*

Conversa informal com a M

No dia vinte sete de outubro foi realizada uma conversa informal com a M de forma a conhecer melhor a criança. Para o efeito, as perguntas foram surgindo naturalmente. Como tal, de seguida encontram-se algumas das resposta que a criança foi partilhando.

- a) Gosto dos meus olhos.*
- b) Gosto do meu cabelo, da boca.*
- c) E também gosto do meu sorriso.*
- d) Não sei porque falo baixinho.*
- e) Gosto do parque de areia.*
- f) Gosto das aulas porque aprendemos coisas e vamos ao quadro.*
- g) Gosto de trabalho em grupo.*
- h) Não gosto de falar alto porque posso dizer algo que vai estar mal.*
- i) Não gosto de ter errados.*
- j) Gostava de ter aulas lá fora.*
- k) Na escola já aprendi muitas coisas.*
- l) Soa boa a brincar e a fazer expressões.*
- m) Sou boa com os amigos.*
- n) Gosto de tudo em mim não mudava nada.*

Anexo III

Ficha individual adaptada do SAC (Portugal & Laevers, 2010)

Análise e reflexão individualizada sobre a criança- A

Níveis de funcionamento geral da criança (1, 2, 3, 4, 5)	
Bem-estar emocional – Nível 3 A criança ocasionalmente evidencia sinais de desconforto, mas não são predominantes porque a criança frequentemente demonstra sinais positivos de bem-estar. Contudo, embora existam momentos de abertura, estes são poucos intensos.	Implicação – Nível 3 A criança está envolvida em várias tarefas, mas raramente ou nunca se verifica “intensidade”. Falta verdadeira concentração, motivação e prazer.

Impressão geral acerca da criança

A A é uma criança simpática, mas reservada. A criança demonstra ser amiga do seu amigo e brinca sempre com as mesmas colegas. A A não gosta de falar e costuma assumir uma postura cabisbaixa, distante e insegura, adota atitudes submissas e receosas o que a faz isolar-se dos adultos e de outras crianças e, apesar de se notar que é feliz no contexto, não assume atitudes autónomas e de responsabilidade, realizando algumas ações pela imitação das outras crianças. Com os constantes sinais de desprazer e desconforto, as suas atitudes levam a refletir sobre a sua aparente insegurança e possível reduzida autoestima. Apesar disso, é uma criança que demonstra vontade em aprender e em esforçar-se por fazer melhor.

Informação adicional sobre a A

Face à primeira impressão geral sobre a criança, procurou-se recolher mais informação com vista a melhor compreender a criança, atendendo a alguns indicadores:

A criança é hesitante e tímida em novas situações?

Sim, a A tende a reagir distanciando-se, assumindo uma postura curvada. A criança mesmo quando interpelada recorre ao silêncio.

A criança demonstra evitar situações que, potencialmente, poderão não ser bem-sucedidas?

Sim, a A tende a afastar-se de situações que analisa como perturbadoras.

A criança pede constantemente ajuda?

Não, a A não costuma pedir ajuda, apesar de a sua expressão facial demonstrar em algumas atividades confusão.

A criança demonstra querer ser o centro das atenções e ser popular?

Não, a A tem um grupo restrito de amigas com quem costuma brincar. No grupo não se verifica a existência de um “líder”, mas a criança tende a seguir aquilo que as colegas dizem, fazem, pedem e pensam, o que significa que a A não quer se posta à parte e então prefere “seguir” as colegas.

A criança mantém-se atrás de um grupo?

Sim, a A no intervalo brinca e age espontaneamente, mas mantém-se atrás de um grupo, porque não demonstra iniciativa para propor ideias, opiniões ou partilhar as suas aventuras, histórias ou sentimentos com esses colegas, o que se verifica na imitação dos comportamentos das amigas.

A criança mantém-se apática ou alheada numa situação de aprendizagem?

Não, a A costuma estar atenta nas situações de aprendizagem.

A criança aparenta “sonhar acordada”?

Sim, a A demonstra interesse em algumas atividades, mas na maioria demonstra estar distante e “sonhar acordada”.

A criança parece não querer trabalhar mesmo sabendo que a professora desaprova?

Não, quando é proposto algo à A ela realiza-o.

A criança costuma culpar outros das suas falhas?

Não, a A quando sente culpa pelo que fez, admite-o.

A criança é relutante a assumir responsabilidades?

Sim, a A demonstra relutância em assumir responsabilidades. Ou seja, demonstra receio e medo em realizar tarefas propostas, quando questionada admite que tem “medo de errar e fazer mal”.

Dados familiares

A A vive apenas com a mãe na Gafanha da Nazaré. A mãe da criança é de nacionalidade romena e fala pouco português, tem um trabalho não qualificado na produção animal. A mãe da A tem o 12º ano, e como os rendimentos são reduzidos beneficia de apoio social. O pai vive na Roménia, e encontra-se numa instituição mental. A criança é filha única, os pais estão divorciados e a criança fala com o pai apenas por telefone e já não o vê há alguns anos. A A costuma ir e vir da escola para casa a pé e sozinha, visto morar a poucos metros da escola.

Relações

A A com a professora (e as estagiárias) assume atitudes de respeito, mas tende a afastar o adulto retraindo-se sempre que é proposta a participar e interagir. Contudo, após as diversas conversas realizadas com a criança sobre si, os seus gostos e opiniões tem-se desenvolvido uma relação de cumplicidade/amizade e já se observa a criança a partilhar autonomamente junto das pessoas que conversam mais consigo.

Implicação

Atividades com boa implicação

A A implica-se bem nas atividades de grupo, assume gostar deste tipo de trabalho porque aprende com os colegas e quando não sabe algo questiona-os. Contudo demonstra necessitar de alguma direção na realização de trabalho autónomos, tende a perguntar “o que tenho que fazer?” “e agora?”, não adotando, portanto, uma atitude emancipadora em relação ao reforço do adulto.

A A implica-se bem nas atividades de ligação ao mundo e de curiosidade.

Atividades com fraca implicação

A criança não se implica bem nas atividades em grande grupo e, principalmente, nas que envolvem a sua participação perante a turma. As atividades com níveis baixos de implicação são as de auto-organização e criatividade, principalmente na área curricular de matemática.

Recolha dos dados de opinião da criança sobre a escola (recolhidos através de conversa informal – ver anexo I)

O que eu gosto mais é (...) porque (...)

Gosto de Estudo do meio, Matemática e Português

Gosto de trabalhar e brincar

Gosto de trabalhos em grupo

Gosto de jogar apanhada

Gosto das minhas amigas

O que eu gosto menos é (...) porque (...)

Gosto menos do campo de futebol

Gosto menos da horta

Não gosto de falar por tenho medo de errar as coisas

Formulação de desejos:

Gostava de ter aulas lá fora

Gostava de fazer mais experiências

Recolha de opinião da docente (recolha em conversa informal)

A A tem os pais divorciados, vive apenas com a mãe, e pelo que a mãe me contou o pai encontra-se numa instituição mental. A A veio para a turma no 2.º ano, integrou-se bem. É uma criança tímida. Já adotei atitudes, como elogios e responsabilidades, para potenciarem a sua participação.

Apreciação da criança ao nível da sua autoestima, atitude de auto organização/iniciativa e competência social

Autoestima

A A é uma criança que adota em várias situações atitudes submissas, receosas e tímidas, onde demonstra sinais de desprazer, desconforto, bem como alguma tensão emocional. Com as diversas sessões observadas e com as conversas informais realizadas percebe-se que a criança não consegue expressar corretamente os seus sentimentos, opiniões e ideias.

As situações em que a A expressa estas atitudes são, principalmente, os momentos em que é solicitada a intervir nas aulas e a participar em grande grupo. A criança reage encolhendo os ombros, debruçando-se e respondendo com voz baixa. Como se pode verificar na entrevista realizada, no anexo I, a A assume que não entende porque fala baixo, mas admite que tem medo de errar e falhar as perguntas que lhe colocam.

De forma a compreender melhor este tipo de comportamento assistiu-se a algumas situações da A em contexto lúdico, durante o intervalo. A criança nesse local brinca sempre com as mesmas colegas, e nos momentos de interação verificou-se que tende a seguir alguém.

A A suscita dúvidas quanto ao sentimento de valor pessoal, isto porque apesar de experimentar novas situações, correr riscos aceitáveis e explorar, fá-lo de forma receosa, contida e introvertida, que se manifesta no facto de não dar ideias, de não se expressar em grupo e de não agir espontaneamente.

Contudo, a A é uma criança que manifesta orgulho em si quando tem atividades corretas, mas ao mesmo tempo fá-lo de forma contida sem manifestar o seu entusiasmo.

Nos trabalhos de grupo realizados percebeu-se que a criança fica confortável e socializa quando o grupo é uma das raparigas com quem costuma brincar. Mas, de forma a observar a sua atitude quando não existe esse reforço positivo colocou-se a criança a trabalhar com um colega que costuma dispersar-se e não realiza o que é pedido, ou realiza-o lentamente e aí a atitude da criança foi voltar-se na cadeira de costas para ele e realizar o trabalho sozinha, protegendo-se da sua influência negativa.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Auto-organização / iniciativa, curiosidade ou desejo de aprender e criatividade e ligação ao mundo

A A quando se foca num objetivo, cumpre-o, apesar de em várias tarefas demonstrar falta de motivação e interesse, quando as inicia finaliza-as e não desiste.

A criança demonstra identificar as suas necessidades e satisfazê-las, contudo em várias situações faz escolhas influenciada pelas colegas. A A é capaz de realizar atividades de rotina autonomamente e sabe o que cada atividade deve produzir. Contudo, não toma iniciativas, nem demonstra capacidade de liderança. Por isso, não adota atitudes que visem contribuir para o seu bem-estar e dos outros.

Auto-organização / iniciativa

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Curiosidade ou desejo de aprender

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Criatividade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Ligação ao mundo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Competência social

A A não evidencia interesse pelas relações sociais, apesar de ter algumas amigas não demonstra ter interesse em conhecer ou brincar com outras crianças. Tende a afastar-se e isolar-se. A A não domina um grande leque de comportamentos e estratégias sociais porque tende a seguir os outros. Apesar de ser capaz de expressar as suas emoções e os seus sentimentos quando confrontada com eles tende a resguardar a sua opinião, vontade e emoções. De todas as conversas informais realizadas percebeu-se que a criança não gosta de falar sobre si, sobre as suas atividades e interesses. Aliás, às segundas-feiras é selecionado

um momento para que cada criança partilhe o que fez no fim-de-semana, ou outros assuntos que lhes pareça fazer sentido, e a A apenas diz “fui para casa dos meus tios”, sendo que todas as semanas diz o mesmo, e quando questionada para partilhar mais costuma dizer “brincar com os meus primos”, não dando verdadeira emoção, pormenores ou interesse ao que diz.

A criança identifica ações como: ajudar; cooperar; colaborar; escutar; persistir. Contudo, ainda não se assistiu a uma situação em que a A revela-se um olhar crítico e reflexivo sobre as relações sociais. A criança não consegue explicar o que acontece em diferentes situações sociais de forma direta ou concisa, a criança tende a falar “baixo” e confundir os acontecimentos. Por diversas vezes em que se conversou com a A, esta inicia a história pelo fim, trocando o sentido ao que pretendia contar. Este tipo de situações também se verifica quando conta a história de um vídeo e mesmo nas suas histórias escritas, apesar de criar uma linha de raciocínio coerente, tende a repetir-se e baralhar o assunto.

Apesar disso, a criança demonstra atitudes de respeito e aceitação para com as outras crianças e adultos, inclusive tem um colega recente na turma de nacionalidade romena, e quem o ajudou na integração, na turma e no contexto, e na introdução À língua portuguesa foi a A.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Síntese

A A é uma criança que revela um sentimento negativo em relação a si, o que se revela na aparente reduzida autoestima. A criança revela ser muito tímida e contida na partilha das suas opiniões, interesses e necessidades. O que é preocupante são as suas atitudes submissas que a levam a seguir os outros, realizando algumas atividades influenciada, esta situação faz com que seja difícil a distinção entre as situações em que a A está a ser influenciada e as situações em que está a ser espontânea, autónoma e com verdadeiro prazer. Este assunto leva a questionar sobre a autonomia da criança, a qualidade das suas relações sociais, bem como o sentimento que tem de integração ao contexto e à turma e ao sentir-se amada e valorizada.

Definição de objetivos e iniciativas

Preocupações

As preocupações que detenho com a A prendem-se com o seu desconforto emocional relativamente a situações de interação e participação. Além disso, as suas atitudes submissas fazem-na “seguir” algumas crianças, o que denota uma reduzida confiança da criança em si e nas suas capacidades, associando-se estas características a uma reduzida autoestima. A criança tende a isolar-se, a ser receosa, medrosa e manifesta constantemente confusão, desprazer e desinteresse.

Balanço	
Aspetos positivos	Aspetos negativos
Ouvinte; Tranquila; Simpática; Amiga.	Receosa; Atitude apreensiva; Atitude submissa; Pouco participativa.

Objetivos de ação	Iniciativas possíveis
1) Que a A se sinta integrada, amada e valorizada; 2) Apoiar as suas relações sociais com outras crianças; 3) Desenvolver a sua autonomia;	1) Criar momentos de partilha pessoais: conversas sobre o dia, o que a preocupa, o que gostaria de fazer e como, etc; Elogiar as suas realizações; 2) Colocar a A a realizar trabalhos de grupo com diversas crianças para estimular o desenvolvimento das suas interações; 3) Permitir que a A faça escolhas e tome decisões como escolher; temas a tratar; que tipo de atividades realizar; instrumentos a utilizar, etc.

Análise e reflexão sobre a criança - L

Níveis de funcionamento geral da criança (1, 2, 3, 4, 5)	
Bem-estar emocional - Nível 2	Implicação - Nível 2
Evidencia frequentemente sinais de desconforto emocional, parecendo que a sua confiança e autoestima são baixas.	A criança não se implica verdadeiramente na maioria das tarefas. Parece estar mentalmente ausente, a sua concentração é limitada e superficial, a criança olha em volta durante as atividades e distraíndo-se facilmente.

Impressão geral acerca da criança

O L é uma criança simpática, mas muito reservada. A criança raramente fala sobre si, sobre os seus interesses, opiniões e ideias. Não gosta de falar e participar em momentos de grande grupo, o que o coloca, por vezes, à margem da restante turma. Além disso, a criança não se implica verdadeiramente em muitas atividades, apesar de com os testes, perguntas e exercícios realizados se perceber que aprende o que é suposto.

O L é uma criança solitária que interage de forma significativa apenas com uma criança da turma/escola, o F. Quando o F está de castigo, o L passa o intervalo encostado à parede à espera dele, não procurando outras interações sociais.

O L caracteriza-se por evidenciar frequentemente atitudes submissas, receosas e tímidas. A criança tende a afastar-se quando alguma situação é nova, demonstrando sinais frequentes de desprazer e desconforto, além de uma reduzida confiança e autoestima.

Informação adicional sobre o L

Face à primeira impressão geral sobre a criança, procurou-se recolher mais informação com vista a melhor compreender a criança, atendendo a alguns indicadores:

A criança é hesitante e tímida em novas situações?

Sim, o L tende a reagir de forma tímida e hesitante em novas situações, distanciando-se e assumindo uma postura curvada, submissa e de desinteresse.

A criança demonstra evitar situações que poderão não ser adequadas?

O L é muito influenciado pelo seu amigo F, e quando o F adota atitudes perturbadoras o L não se distancia, mesmo tendo noção de que certas ações poderão não ser bem-sucedidas.

A criança pede constantemente ajuda?

Não, o L raramente pede ajuda, e mesmo quando o abordamos individualmente, face a algumas dificuldades, ele reage com desinteresse, mantendo a sua postura hesitante e mantendo-se em silêncio.

A criança demonstra querer ser o centro das atenções e ser popular?

Não, o L mantém-se afastado de quaisquer situações que envolvam ser o centro das atenções ou estar em grande grupo.

A criança está bem integrada no grupo/turma?

O L brinca sempre com a mesma criança, não sendo possível afirmar que faça parte de um grupo de amigos. Junto da turma, o L mantém-se atrás, no sentido em que não fala, não participa e segue o que os outros dizem.

A criança mantém-se alheada em situação de aprendizagem?

Sim, o L costuma estar desatento nas situações de aprendizagem, assumindo uma postura distraída e distante.

A criança aparenta “sonhar acordada”?

Sim, o L costuma demonstrar desinteresse no que está a elaborar, “sonha acordado”, olhando em redor sem se concentrar verdadeiramente em nada.

A criança não quer trabalhar mesmo sabendo que a professora desaprova?

Não, quando é proposto algo ao L ele realiza-o, ainda que a um ritmo lento.

A criança costuma culpar outros das suas falhas?

Não, o L quando sente culpa pelo que fez, admite-o.

A criança é relutante a assumir responsabilidades?

Não, se é proposta uma responsabilidade ao L ele realiza-a, ainda que sem interesse.

Dados familiares

O L vive com os pais e com o irmão de 16 anos. A mãe trabalha como operadora de máquinas do fabrico de calçado e artigos de couro, tem o 12.º ano de escolaridade. O pai tem o 9.º ano de escolaridade e trabalha como soldador e maçariqueiro.

A situação económica da família do L é de baixos rendimentos, a criança beneficiando de apoio social. O L vive perto da escola e costuma ir com o avô para a mesma, visto os pais saírem muito cedo para o trabalho. A criança demonstra ter sentimento de pertença em relação à família, falando, de vez em quando, sobre os pais, o irmão e os avós.

Em casa a criança passa muito tempo a jogar vídeo jogos.

Relações com os adultos da escola

O L respeita a professora (e as estagiárias) mas tende a afastar o adulto, retraindo-se sempre que é proposta a sua participação e interação. O L responde quando questionado, mas costuma dar respostas evasivas.

Implicação

Atividades com boa implicação

Curiosamente, a criança implica-se bem nas atividades de pequeno grupo, em particular se no grupo estiver também o seu amigo F.

O L não se implica verdadeiramente nas atividades obrigatórias, dirigidas pelo adulto, necessitando de algum incentivo e direção na realização das atividades.

O L implica-se mais em atividades que mobilizem a sua criatividade.

Atividades com fraca implicação

A criança não se implica bem nas atividades em grande grupo, que envolvem a sua participação, principalmente, perante toda a turma. O L tem níveis mais baixos de implicação em atividades nas áreas de matemática e estudo do meio.

Recolha dos dados de opinião da criança sobre a escola (recolhidos através de conversa informal – ver anexo I)

O que eu gosto mais é (...) porque (...)

Gosto de Estudo do meio, Matemática e Português

Gosto das aulas

Gosto de trabalho em pares

Gosto de ver vídeos da escola virtual

Gosto de atividades e vídeos

Gosto de brincar com o Francisco

Gosto de jogar jogos de terror porque tenho de fugir do Francisco

O que eu gosto menos é (...) porque (...)

Não gosto de falar em nenhum lado

Não gosto de barulho

Formulação de desejos:

Gostava de ter aulas lá fora

Gostava de fazer mais experiências

Coisas que já aprendi:

Não sei.

Coisas em que sou bom/boa:

Lá fora sou bom a brincar.

Coisas que gostava de melhorar:

Gostava de falar mais e ter mais amigos.

Recolha de opinião da docente (recolha em conversa informal)

O L no pré-escolar nunca falou, quando entrou para a minha sala no 1.º ano de escolaridade não sabia se ele conseguia falar, portanto falei com os pais e aí o L já me começou a dar respostas, vagas e com reduzido volume. No pré-escolar e na transmissão para o 1.º ciclo sempre brincou com o R, uma criança com síndrome de asperger. Quando esse colega foi embora começou a brincar com o F, com quem brinca até hoje. Em casa é uma criança que se isola, porque joga muitas horas, computador e playstation, por vezes os pais saem e ele nunca quer ir fica com o irmão de 16 anos a jogar. O L andou na terapia da fala no ano passado e melhorou um pouco a sua interação. A forma como promovo a sua autoestima passa por atribuir responsabilidades, dar vários elogios às suas boas realizações.

Apreciação da criança ao nível da sua autoestima, atitude de auto organização/iniciativa e competência social

Autoestima

O L evidencia alguma tensão e foge da maior parte das interações sociais. A criança tende a isolar-se (assisti a várias situações em que algumas crianças tentaram aproximar-se dele e ele refugia-se/afasta-se). Revela alguma insegurança perante novas situações. Por vezes, quando questionado sobre os seus gostos, o L revela o que gosta e não gosta, mas a sua habitual postura é ombros encolhidos, debruçado sobre a mesa, olhar cabisbaixo e sem se expressar oralmente. Quando o observamos e percebemos que está a gostar de uma atividade (sorri ou os olhos brilham), se se apercebe de que está a ser observado, muda radicalmente a sua atitude, assumindo a postura descrita.

O L não parece ter autoconfiança suficiente para experimentar e testar novas situações ou enfrentar desafios. Mas, frequentemente, segue o F, que o estimula a agir, a arriscar e a testar limites, mesmo que em situações negativas (perturbadoras). O mesmo não acontece quando situações semelhantes envolvem ou são protagonizadas por outras crianças.

Quando é proposta a sua intervenção o L mantém-se calado, parecendo não saber como resolver uma atividade. Contudo, quando a professora se aproxima para o orientar percebe-se que o L sabe. O seu receio em falar alto e perante a restante turma parece bloqueá-lo.

O L não evidencia prazer em nenhuma atividade que envolva a linguagem como papel central. Isto porque, como ele próprio diz, não gosta de falar em nenhum lado. Nos momentos em que é proposta a sua intervenção o L não fala ou tende a falar muito baixo, com pouco conteúdo e de forma rápida. As suas frases são curtas e a construção é simples. O L descreve pouco o que pretende dizer, e por isso utiliza poucos adjetivos, pronomes, advérbios. Nota-se que a criança se sente desconfortável nesses momentos.

Quando se encontra nos intervalos o L inicia conversas com o F, propõe jogos e sabe negociar com o colega.

O L não parece ter uma ideia realista sobre si. Descreve-se como não gostando do seu penteado e gostando de comer, beber e provar comida. Não assinala propriamente qualidades em si próprio e dificilmente descreve aquilo em que é bom, mau e em que pode melhorar.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Auto-organização / iniciativa, curiosidade ou desejo de aprender e criatividade

O L no dia-a-dia apenas evidencia motivação ou interesse nas tarefas que envolvam trabalhos em pequeno grupo ou a pares, envolvendo o amigo F.

Ainda que seja capaz de tomar pequenas decisões, na maioria das situações, se estiver acompanhado pelo F prefere segui-lo e deixar a “responsabilidade” da decisão no colega.

O L, frequentemente, necessita de orientação para iniciar uma atividade. Sabe o que é esperado de si e das suas atividades e, como tal, depois de ter alguma orientação é capaz de executar o proposto e atingir os objetivos. O importante para o L parece ser o “terminar”, não prestando verdadeira atenção à forma “como faz”.

Embora não costume participar oralmente, por escrito, a criança demonstra ser bastante criativa, original e empreendedora, seja na construção de histórias ou na transmissão de opiniões.

Auto organização / iniciativa

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Curiosidade e desejo de aprender

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Criatividade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Competência social

O L não evidencia interesse pelas relações sociais, sendo que só tem um amigo, e não demonstra ter interesse em conhecer ou brincar com outras crianças. Tende a afastar-se e isolar-se. Neste sentido, não é frequente que o L conte histórias ou partilhe os seus sentimentos, quando o faz costuma ser, na maioria das situações, superficial na sua participação. Embora o L não revele muito interesse pela interação social, gosta de ouvir histórias sobre o passado e o futuro e aprecia aprender coisas sobre outras culturas.

Nas suas histórias escritas, o L descreve diversos sentimentos e entende o seu significado, contudo não costuma falar sobre eles com outras pessoas, tende a reservar-se e parece ser uma criança desconfiada em relação aos outros (crianças e adultos).

O L reconhece os sentimentos expressos pelos outros (quando alguém se sente feliz, triste, zangado, contente, entre outros sentimentos), bem como em histórias ou filmes. Identifica ações como “ajudar”, “escutar”, “cuidar”, contudo quando essas ações o obrigam a interagir com crianças ou adultos em quem não confia ou não tem proximidade, o L prefere não intervir. Como demonstra ser tímido e inseguro, isola-se muito, não sendo comum ver o L a ajudar um colega que precise ou envolver-se com outras crianças. Apesar disso, o L respeita os outros, os seus interesses, opiniões, a sua vez e as suas ideias.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Síntese

O L parece apresentar uma baixa autoestima, sendo uma criança tímida e receosa, que tende a reagir com desconfiança perante situações desconhecidas. É uma criança com

dificuldade em tomar a iniciativa, evidenciando alguma dependência. Não gosta de falar e de partilhar as suas histórias. Transparece desconforto e desinteresse por muitas das atividades da escola, embora se perceba ser uma criança bastante criativa. Tem um grande amigo, o F.

Definição de objetivos e iniciativas

Preocupações

As preocupações que sinto em relação ao L prendem-se com o seu desconforto emocional, com a sua atitude receosa e distante, que parecem associar-se a uma baixa autoestima, não se interessando verdadeiramente pela maior parte das atividades escolares (baixa implicação) e pelas interações com outros colegas (para além do amigo F). Denota pouca autonomia e uma atitude de submissão.

Balanço	
Aspetos positivos	Aspetos negativos
Ouvinte; Simpático; Amigo; Criativo.	Atitudes de indiferença; Receoso; Desinteressado; Pouco participativo; Atitude submissa e dependente.

Objetivos da ação	Iniciativas possíveis
4) Que o L se sinta mais integrado e valorizado;	4) Criar momentos de partilha mais individualizados para conversas sobre o dia, o que o preocupa, novidades, o que gostaria de fazer, como, etc.; elogiar as suas realizações bem-sucedidas.

<p>5) Apoiar as suas relações sociais e participação com outros colegas da turma;</p> <p>6) Desenvolver a sua autonomia.</p>	<p>5) Colocar o L a realizar trabalhos de grupo com diversas crianças e com o Francisco para que este se sinta bem por ter o Francisco no grupo, mas se sinta estimulado a interagir com outras crianças.</p> <p>6) Permitir que o L faça escolhas e tome decisões, como escolher: temas a tratar; tipo de atividades a realizar; instrumentos, entre outros.</p>
--	---

Análise e reflexão individualizada sobre a criança- M

Níveis de funcionamento geral da criança (1, 2, 3, 4, 5)	
Bem-estar emocional – Nível 4 A criança evidencia sinais claros de satisfação e felicidade, no geral os momentos de bem-estar superam os de desconforto e as suas relações com o mundo são boas.	Implicação – Nível 3 A criança está usualmente envolvida nas atividades, mas raramente ou nunca se evidencia intensidade na sua execução, apesar de demonstrar alguns sinais de prazer as suas atitudes resumem-se a movimentos básicos e demonstra falta de concentração.

Impressão geral acerca da criança

A M é uma criança carinhosa e simpática, mas demonstra receio em partilhar os seus interesses e opiniões. A criança tende a ficar no seu canto, isola-se e não se envolve em diversas situações. A M fala quase em sussurro e ao partilhar e participar quer em grande grupo quer individualmente com a professora/professoras estagiárias assume uma postura distante e sonhadora.

No intervalo demonstra maior noção das relações sociais e solta-se no sentido de partilhar e cooperar com as outras crianças, demonstrando genuína felicidade.

Informação adicional sobre a M

A criança é hesitante e tímida em novas situações?

Sim, a M tende a reagir distanciando-se, assumindo uma postura curvada e hesitante.

A criança demonstra evitar situações que, potencialmente, poderão não ser bem-sucedidas?

Sim, a M tende a afastar-se de situações que analisa como perturbadoras.

A criança pede constantemente ajuda?

Não, a M não costuma pedir ajuda, mas quando as professoras estagiárias a ajudam individualmente consegue explicar em que sente dificuldade.

A criança demonstra querer ser o centro das atenções e ser popular?

Não, a M tem um grupo restrito de amigas com quem brinca sempre. No grupo não se verifica a existência de um “líder”.

A criança mantém-se atrás de um grupo?

Não, a M apesar da atitude e postura que adota em sala de aula, no intervalo brinca e age espontaneamente, não se mantém atrás de um grupo.

A criança mantém-se apática ou alheada numa situação de aprendizagem?

Sim, a M costuma estar desatenta nas situações de aprendizagem, assumindo uma postura distraída e distante.

A criança aparenta “sonhar acordada”?

Sim, a M costuma demonstrar desinteresse no que está a elaborar, “sonha acordada”, olhando em redor sem se concentrar verdadeiramente em nada.

A criança parece não querer trabalhar mesmo sabendo que a professora desaprova?

Não, quando é proposto algo à M ela realiza-o, ainda que a um ritmo lento.

A criança costuma culpar outros das suas falhas?

Não, a M quando sente culpa pelo que fez, admite-o.

A criança é relutante a assumir responsabilidades?

Sim, a M demonstra relutância em assumir responsabilidades. Ou seja, demonstra receio e medo em realizar tarefas propostas pela docente, principalmente responsabilidades que assumam estar em pé ou falar perante a turma.

Dados familiares

A M vive com os pais e com uma irmã mais nova. A Mãe trabalha como desenhadora e tem o 12.º ano de escolaridade. O pai trabalha como assistente médico não qualificado e tem o 9.º ano de escolaridade. A M costuma estudar com a avó, antiga educadora de infância.

Relações com os adultos da escola

A M com a professora (e estagiárias) assume uma atitude de respeito. Quando o adulto propõe a sua participação esta retrai-se, mas participa ainda que em sussurro, já com os colegas demonstra ter atitudes de amizade: brinca, sorri e conversa.

Implicação

Atividades com boa implicação

Curiosamente, a criança implica-se bem nas atividades de grupo. A M demonstra sentir-se à vontade em colaborar e estudar em grupo, costuma falar, participar, dar ideias e opiniões. As áreas desenvolvimentais implícitas onde a M tem níveis elevados de implicação são as de competência social, que envolvem a cooperação em grupo.

Atividades com fraca implicação

A M não se implica verdadeiramente nas atividades orientadas pelo adulto, bem como nas que exigem a sua participação oral. As áreas desenvolvimentais onde a M demonstra fraca implicação são as que envolvem auto-organização, curiosidade e desejo de aprender, as atividades de ligação ao mundo e criatividade, principalmente nas áreas curriculares de matemática e estudo do meio.

Recolha dos dados de opinião da criança sobre a escola (recolhidos através de conversa informal – ver anexo I)

O que eu gosto mais é (...) porque (...)

Gosto do parque de areia

Gosto das aulas porque aprendemos coisas e vamos ao quadro

Gosto de trabalho em grupo

O que eu gosto menos é (...) porque (...)

Não gosto de falar alto porque posso dizer algo que vai estar mal

Não gosto de ter errados

Formulação de desejos:

Gostava de ter aulas lá fora

Recolha de opinião da docente (recolha em conversa informal)

A M tem os pais divorciados e costuma estar sempre na avó materna, que também foi docente e ajuda-a nos trabalhos e nos estudos. A M sempre foi tímida. É uma criança com tendência para as artes e para as danças. A M já viveu algumas situações complicadas. Houve diversas estratégias que adotei no sentido de desinibir a criança, entre elas os elogios, a tentativa para que falasse mais alto, mas isso funciona um bocadinho e depois volta à postura apática. A M já foi chefe dos colegas e assumiu essa responsabilidade.

Apreciação da criança ao nível da sua autoestima, atitude de auto organização/iniciativa e competência social

Autoestima

A M é uma criança que adota atitudes submissas, receosas e tímidas, o que parece revelar uma reduzida autoestima. A criança tende a afastar-se quando alguma situação é nova. A M manifesta esse desconforto, através das suas expressões faciais, corporais e postura. A criança demonstra conhecer uma grande variedade de sentimentos, pelas conversas que tem e pelas emoções que transmite: ri-se, chora, zanga-se, orgulha-se, entre outros sentimentos, a M tem confiança suficiente que lhe permite experimentar novas atividades, mais ou menos desafiadoras, correr riscos aceitáveis, explorar e dar ideias.

Contudo, em grande grupo a criança assume uma atitude mais receosa, não se expressando, ou realizando-o em sussurro e rapidamente. Apesar disso, nas mais variadas situações age espontaneamente, e mantém-se calma e equilibrada perante mudanças, incertezas e situações que fogem ao seu controlo.

A M compreende as consequências dos seus comportamentos e dos outros, agindo nas diversas situações, sem entrar em conflitos ou em situações que a possam prejudicar. Quando os colegas adotam comportamentos perturbadores, a criança mantém-se à margem.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Auto-organização / iniciativa, curiosidade ou desejo de aprender e criatividade e ligação ao mundo

A M evidencia motivação na realização de algumas tarefas, sendo que quando se focaliza num objetivo cumpre-o. A M nas diversas ações escolhe opções, ou seja é capaz de tomar medidas de decisão em favor do que considera mais importante, estas escolhas tendem a ser autónomas, pelo que a criança não demonstra ser influenciada.

A M não necessita de orientação para iniciar uma atividade, é autónoma e pede ajuda quando sente necessidade, demonstra alguma flexibilidade nas suas ideias, porque se surge um impedimento contorna-o e avança fluidamente para outra tarefa.

A criança sabe o que é esperado de si, quer no comportamento quer nas tarefas. A criança realiza-as percebendo o seu objetivo, aliás tem em consideração todas as situações e consegue prever e traçar planos. A M demonstra capacidade de reflexão ao considerar o seu trabalho mau ou bom, é capaz de explicar o percurso que adotou, entre outros aspetos.

A M costuma tomar iniciativas no recreio, no que toca às brincadeiras a realizar, ao local, ao que fazer, contudo na sala de aula não toma iniciativa em nenhuma situação, tende, portanto, a seguir as iniciativas dos colegas. Apesar disso, demonstra entusiasmo quando o sucesso comum é partilhado.

Auto organização / iniciativa

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Curiosidade e desejo de aprender

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Criatividade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Ligação ao mundo

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Competência social

A M nos recreios observados demonstra um genuíno interesse pelas dimensões sociais. A criança é capaz de procurar as colegas, brincar com entusiasmo, propor e realizar brincadeiras sociais, gosta de interagir com outras crianças, escutar as suas histórias e questiona-as para saber mais sobre elas. Nessas situações reconhece um elevado leque de emoções como alegria, raiva, medo, tristeza, entre outras. A criança é capaz de os identificar e caracterizar. Além disso, é capaz de se manifestar com os colegas em relação ao que sente.

A M caracteriza a sua autoimagem, dizendo que gosta dos seus olhos, do seu cabelo, da sua boca e do seu sorriso. Estas afirmações fazem crer que a M tem noção da sua autoimagem e é capaz de enunciar o que gosta e não gosta em si. Além disso, sabe em que tarefa é melhor e quais deve melhorar.

Além disso, também, reconhece diferentes sentimentos nos outros (compreende quando alguém está triste, contente, zangado, com medo, com orgulho), além de identificar estas emoções visuais identifica-as nas histórias, nas imagens e ainda é capaz de as utilizar quando escreve as suas próprias histórias, inventadas ou reais.

A M identifica ações como “ajudar”, “aborrecer”, “liderar”, “escutar”, “cuidar”, “colaborar”, por exemplo, se vê uma colega triste é capaz de a interpelar, se vê uma colega a rir acompanha-a, se vê alguém zangado, tenta ajudar, entre outro tipo de ações.

A M respeita os outros onde se inclui os colegas e os adultos. Nesse sentido, aguarda a sua vez para falar, apesar de em sala de aula demonstrar uma atitude mais receosa e falar quase em sussurro. No intervalo, é capaz de falar audivelmente e cumprimenta, demonstra gratidão, expressa afeto, dá atenção e escuta os colegas.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Síntese

A M é uma criança que aparentava ter uma autoestima reduzida, pela postura que tinha em sala de aula: o olhar distante; o “sonhar acordada”; a falta de verdadeira motivação; a falta de concentração, bem como o seu receio em falar, participar, dar ideias e interagir no grupo. Contudo, as atitudes que levam a acreditar na sua reduzida autoestima são esfumadas quando se vê a criança ao ar livre a brincar com os colegas e quando se fala com a criança e se percebe que tem uma autoimagem positiva.

Esta situação leva a acreditar que as aulas não são de qualidade para esta criança, ou então que se sente inibida por falar em público ou por ter receio de errar o que lhe é pedido, o que, no fundo, são atitudes e receios comuns em crianças desta idade.

Definição de objetivos e iniciativas

Preocupações

As preocupações que tenho para com a M prendem-se na reduzida participação da criança em momentos de grande grupo. A persistência destas atitudes impede que a criança se sinta à vontade em expor as suas dúvidas, as suas ideias, as suas opiniões e as suas dificuldades, podendo a longo prazo prejudicar as suas aprendizagens.

Balanço:	
Aspetos positivos	Aspetos negativos
Simpática; Carinhosa; Amiga;	Atitudes de submissão; Atitude receosa; Falar em sussurro; Pouca participação; Pouco interesse;

Objetivos da ação	Iniciativas possíveis
7) Que a M se sinta amada e valorizada;	7) Criar momentos de partilha pessoais: conversas sobre o dia, o

<p>8) Desenvolver as suas relações sociais com outros colegas da turma;</p> <p>9) Potenciar a sua participação em grande grupo;</p> <p>10) Desenvolver a autonomia;</p>	<p>que a preocupa, o que gostaria de fazer e como; Elogiar as suas realizações;</p> <p>8) Colocar a criança a realizar trabalhos de grupo com diversas crianças;</p> <p>9) Solicitar a participação da criança em tarefas simples como ler um texto ou um enunciado e ir aumentando a sua participação para temas mais livres que envolvam a genuína opinião da criança, como pedir opiniões, ideias, etc.</p> <p>10) Permitir que a M faça escolhas e tome decisões sobre si e sobre o grupo: escolha temas; escolha textos; escolha instrumentos a utilizar, etc.</p>
---	---

Anexo IV

História “Onde mora a felicidade?” de Álvaro Magalhães

Onde está a felicidade?

Onde está a felicidade? Ninguém sabe onde ela para ou onde se pode encontrar. Há quem diga que não está em nenhum lugar e que simplesmente acontece. E, no entanto, em algum sítio há de estar. Não lhes parece?

Às vezes está tão perto, tão à vista, que nos passa despercebida e outras tão distante, tão escondida nesse tal lugar, que uma vida não chega para lá chegar.

Há os que pensam que só a encontramos se não a procurarmos. Nem pensarmos nisso. E os que estão convencidos de que é preciso procurá-la sem cessar. Por isso, ouçam agora a história do sr. Pascoal, que vivia desde menino numa aldeia pequenina, à beira-mar. Era um belo sítio para se morar, já se vê, e ele sentia-se bem, mas faltava-lhe qualquer coisa, não sabia o quê. E essa qualquer coisa, achava ele, era a felicidade.

Fez então as malas e saiu de casa à procura dela. Foi de aldeia em aldeia, de vila em vila, de cidade em cidade, e encontrou tudo o que procurava, tudo menos a felicidade.

"Isto é bonito", dizia ele para ninguém. "Mas ainda não é aqui que me sinto bem".

Decidiu então partir para mais longe. E foi assim que deu várias voltas ao mundo e conheceu cada recanto de tudo o que existia, dos bosques da Noruega às montanhas do Japão. E viu coisas de pasmar, a felicidade é que não.

Mesmo assim, continuou a procurá-la, viajando sem parar, sim, porque em algum sítio ela havia de estar.

E estaria? Já vamos saber. O tempo, como sabem, passa a correr e, um dia, o sr. Pascoal percebeu que estava a envelhecer. Tinha os cabelos brancos, as pernas fracas, os ossos doridos, a vista cansada. Andara muito nesse dia e parou em frente a uma velha casa abandonada.

Os vidros das janelas estavam partidos, a poeira invadia quartos e salas, o mato cobria o jardim.

Ele olhou aquilo e pensou assim:

"Nesta casa, desprezada e sem dono, vou construir a minha felicidade."

E consertou o telhado, pôs vidros nas janelas, pintou as paredes, cuidou do jardim.

"Agora sim", pensou ele por fim. "Aqui está um bom sítio para se morar".

Sentou-se então num sofá da sala, em frente à lareira, a descansar.

"Que bem que eu me sinto", disse para si.

E percebeu então que aquela estranha sensação de bem-estar era esse não sei quê que ele tanto procurara: a felicidade. Estava ali.

"Finalmente encontrei-a", gritou o sr. Pascoal, muito entusiasmado.

Estava tão contente que se pôs aos saltos e veio para a rua festejar, esquecido já da sua idade. Reparou então que estava na aldeia de onde partira há muitos anos e que aquela casa era a sua própria casa, a mesma que ele abandonara para procurar a felicidade.

MAGALHÃES, Álvaro — "Onde está a felicidade?" in *O senhor do seu nariz e outras histórias*. Lisboa: Edições Asa, 2010.

Anexo V
Apresentação sobre a felicidade

“Onde está a felicidade?”

Álvaro Magalhães

Plano nacional de leitura 3.º ano de escolaridade















A felicidade é?

- ▶ O que te faz feliz?
- ▶ Quando te sentes feliz?
- ▶ Gostas de te sentir feliz?
- ▶ Quem está presente quando te sentes feliz?

Anexo VI

Texto de opinião sobre a felicidade

A felicidade

Um dia de sol eu, fui brincar com os meus primos em casa deles. Eu gostava muito de brincar com eles, porque eles faziam coisas muito divertidas. Quando já estava a ficar tarde fomos para casa, fui jantar e depois fui dormir. Quando acordei fui tomar o pequeno almoço porque estava com fome, depois fui descansar. Eu estava feliz porque ia brincar com os meus patins e depois ia às compras com a minha mãe. Depois fui almoçar a casa, fiquei a ver um pouco de desenhos animados e fui ao parque brincar com os meus primos no baloiço e no escorrega. ~~e mais nada~~. Quando era hora de jantar disse à minha mãe para irmos à casa dos meus tios e primos, ~~jantar~~ ^{com eles} para ~~depois~~ ^{brincar}. Mas ela disse que não ^{podíamos} então, eu perguntei-lhe porque, e ela disse para não estarmos outra vez a irmos para casa. ^{depois} Eu ~~fizemos~~ ^{disse-lhe que} assim ~~não~~ ^{podíamos} ^{ir} dormir à casa deles, a minha mãe ~~aceitou~~ ^{então} fomos de bicicleta ^{porque} ~~porque~~ ^{que não se via nada} então ^{preferimos ir} ~~for~~ ^{para} a pé e jantámos ~~lá~~ ^{lá} e dormimos lá.

6 Swats

Quando à noite a minha mãe está a dormir no sofá, ^{eu} ~~ponho-me~~ ^{ponho-me} em cima do sofá e toco ~~o~~ ^o ~~com~~ ^{com} um dos membros, e ela olha e ^{eu} ~~prega~~ ^{prega} ~~o~~ ^o ~~me~~ ^{me} ~~susto~~ ^{susto}.

dia hora de jantar - quando a minha mãe está no sofá
pequeno. Com a comida disfarça - me de um momento e assu-
ta-a.

Quand o meu pi de ga do trabalho a casa, bate a porta e se destranca a porta e quando o meu pi ~~bate~~ a porta se abre - lhe e ^{ele} ai ao chao.

Quando a minha mãe está no caso de banho com a porta fechada, ~~fecho~~ a luz de pisca ou ~~luz~~ a Nala e a Nina e a Nala e a Nina cheiram a porta e a minha mãe assusta-se e abre a porta ~~deu~~ ~~luz~~ as lâmpadas ~~faz~~ barulho a abrir o plástico, e eu passo fortes e ela ~~extreme~~ e de pisca a luz e ~~for~~ ~~for~~ ~~for~~ como estava e ela diz uma coisa e quando vou tomar banho a minha mãe chama-me e estava já na banheira sem água e quando ela vai pôr a água eu assustei-a.



A felicidade para mim

A felicidade para mim é quando tenho algum amigo novo, quando me sinto bem, quando gosto de fazer alguma coisa e de gostar de alguma pessoa.

O que me faz feliz é quando brinco com a minha amiga Alice e com a Amastácia e de pregar sucos ao meu tio João Bitor. Eu gosto de me sentir feliz porque assim tenho mais amigos, sinto-me melhor e fico feliz! Quem está presente quando eu me sinto feliz é a Alice porque ela é a minha melhor amiga.

Eu adoro sentir-me feliz porque fico amiga de outras pessoas e fico feliz.

As ~~minhas~~ amigas que gostam de me ajudar são a Alice, Amastácia, Diana e a Gabriela.

Anexo VII

Texto “Os medos” de José Fanha

Antes de ler...

- Será que todas as pessoas têm medo?
- O que é que provoca o medo?
- Quando é que se tem mais medo? Quando se está sozinho ou acompanhado? De dia ou de noite?



Os medos

Os heróis das histórias e dos filmes têm muita sorte.

Podem saltar de um avião supersónico[■] mesmo sem paraquedas. Podem apanhar com um prédio em cima da cabeça sem se magoarem. Podem enfrentar ao mesmo tempo milhares de feras selvagens, canibais[■], piratas e bandoleiros[■].

A gente sabe, e eles também com certeza que, no fim da história, ganham sempre. Se não fosse assim os heróis acabavam, as histórias acabavam. Não tinha graça nenhuma!

Mas eu gostava de saber se eles nunca têm medo. Se nunca tiveram medo. Nem um bocadinho...?

Eu cá tenho medo que me farto. Às vezes até gosto de ter medo. Mordo os lábios. Fecho as mãos com muita força. Encolho muito o pescoço e fico à espera. E o medo cresce e cresce e cresce. Quase que me deixa sem respirar. Depois, eu canso-me de ter medo e ponho-me a pensar noutra coisa.

O medo, mal percebe que já fez todo o medo que podia fazer-me, vai-se embora.

Para onde é que ele vai nunca descobri. Mas, como o medo não sabe fazer mais nada, deve ir à procura de outra pessoa para lhe fazer medo. Se calhar ainda apanha algum herói distraído...

José Fanha, *Diário inventado de um menino já crescido*, 2.ª ed., Gailivro, 2007

[■] **supersónico**: o que se move com velocidade superior à do som. **canibais**: animais que comem outros da mesma espécie. **bandoleiros**: bandidos, salteadores.

Anexo VIII

Apresentação sobre os medos



Quando é que temos medo?



Quando algo nos assusta ou perturba, por exemplo....

O que é que acontece quando temos medo?

**Ficar em estado de alerta;
Sentir adrenalina;
Arrepios;
Fugir;
Gritar;
Chorar...**

Os medos



- ◊ “Às vezes até gosto de ter medo”
- ◊ O que será que o autor quer transmitir com esta afirmação?
- ◊ Já alguma vez gostaram de sentir medo?
- ◊ Os medos podem ser bons quando depois de os sentirmos nos fazem rir, nos fazem sentir contentes por ter sentido esse medo, nos fazem querer senti-lo outra vez...

Todos nós temos medos, certo?

Ter medo faz parte da nossa vida

Sabiam que há mesmo pessoas que têm medo que os outros não gostem delas? Ou que têm medo de não conseguir fazer as coisas bem? Ou de não ser capaz.

Sabiam que há pessoas que, por terem estes medos, sentem-se mal consigo próprias? Não gostam de si próprias!

Já vos aconteceu sentir algo parecido?

Essas pessoas:

Sentem-se menos boas
Sentem-se medícras, medrosos ou rececosos
Evitam falar à frente dos outros
Evitam fazer coisas novas e experimentar desafios
Têm uma ideia de si negativa

Essas pessoas têm razão
em sentir-se assim?



Os medos da Cristiana

◦ “Tenho medo que me farto”, por exemplo:

- Aranhas;
- Alturas;
- Ver um filme de terror;
- Tirar más notas;
- Não ser boa professora;
- Que os meninos não gostem de mim;
- Perder um amigo
- ...

O que acham que eu sinto nestas situações?

Acham que eu devo deixar de gostar de mim, porque tenho todos estes medos?



O João tem medo...



O João tem receio de ir para a escola. Ele tem as mãos a suar, o corpo arrepiado e por vezes até sente lágrimas nos olhos. Tem medo de falhar. Às vezes não aprende logo as coisas e leva um pouco mais de tempo... Ele acha que não é capaz e não gosta de ser como é. O João é um menino que anda no 3.º ano, mas agora nem vontade tem para aprender. O João, por vezes, é mal tratado por alguns colegas que lhe chamam tolo - gordo - burro - cromo. Por isso, às vezes o João sente-se triste e apetece-lhe bater noutros meninos. Mas, o João também tem coisas em que é bom... só que ele parece que não vê essas coisas. E, os outros também não.

Em que coisas achas que o João poderá ser bom?

Como podemos ajudar o João a gostar de si, a sentir-se melhor com ele próprio e com os outros?

Todos nós temos coisas boas e coisas menos boas... Vamos pensar nas coisas em que somos “fortes”!



Anexo IX

Tópicos sobre qualidades pessoais

Eu sou boa a fazer ginástica .

Eu sou boa a fazer festas

Eu sou boa a brincar, a fazer desafios,
olimpiadas, a correr, a fazer bolas de
neve, a dar mimas a um cão e uma gata,
jogar five night at freddy's, jogar jff
da killer.

Eu sou boa a desenhar, a cantar, a dançar, a brincar,
a ler, a escrever, a brincar com cães, a jogar ao ar livre, a fazer
farturas, a ajudar a minha mãe e a fazer experiências.